



**UNILAB**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

ARLINDO VIEIRA

A SITUAÇÃO DA CRIMINALIDADE NA GUINÉ-BISSAU DE 2006 A 2016

REDENÇÃO-CE

2017

ARLINDO VIEIRA

## A SITUAÇÃO DA CRIMINALIDADE NA GUINÉ-BISSAU DE 2006 A 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades de Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Estudante: Arlindo Vieira

Orientador: Antônio Marcos de Souza Silva

REDENÇÃO-CE

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Vieira, Arlindo.

V713s

A situação da criminalidade na Guiné-Bissau de 2006 a 2016 /  
Arlindo Vieira. - Redenção, 2017.  
67 f: il.

Monografia - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de  
Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira, Redenção, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos de Souza Silva.

1. Criminalidade. 2. Políticas públicas. 3. Jovens. 4.  
Guiné-Bissau. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 364

---

ARLINDO VIEIRA

**A SITUAÇÃO DA CRIMINALIDADE NA GUINÉ-BISSAU DE 2006 A 2016**

Monografia julgada e aprovada para obtenção do Diploma de Graduação em Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Antônio Marcos de Souza Silva (UNILAB) -Orientador

---

Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho (UNILAB) - Examinador

---

Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos (UNILAB) - Examinador

REDENÇÃO-CE

2017

Dedico este trabalho a todos os meus colegas jovens guineenses que estão a passar por momentos difíceis devido a inexistência duma política pública de qualidade, duma política que olhe sobretudo pelos mesmos (jovens) devido a crônica instabilidade política, peço lhes que não percam a esperança e que acreditem que os dias melhores estão porvir!

## **AGRADECIMENTOS**

Para realização deste trabalho, contei com ajuda de várias pessoas que com certeza não posso deixar de lhe agradecer!

Primeiramente queria agradecer a Deus Pai todo poderoso pela vida e saúde.

Agradecer aos meus pais Marcelino Vieira e Antonia da Costa porque se não fossem eles tudo isto não teria sentido ou não seria possível.

Agradecer o meu orientador Doutor Antonio Marcos de Souza Silva por aceitar este grande desafio de mergulhar comigo nesta temática mesmo sabendo das dificuldades, e pela compreensão durante a realização deste trabalho, o senhor tem o meu respeito.

Agradecer a minha amada filha Arliana Alice Bodjam Vieira e sua mãe Aramata Bodjam pela compreensão e paciência durante todo o período da elaboração deste trabalho.

Agradecer todos os meus irmãos, Júlio Vieira que desde sempre acreditou em mim, se estou aqui devo isso a ele, irmão que fez papel do pai meu muito obrigado, estendo ainda para Inocêncio Vieira, Januário Vieira, João Vaz Vieira, as minhas irmãs Helena Vieira, Feliciano Vieira (Ivone), Lurdes Vieira, Debura Vieira, Beatriz Vieira e Ednaica Vieira. Aos sobrinhos, Richard Júnior Dias, Rodemilda Roster Titina, Mira Vieira e Devia Roster Titina.

Agradecer professor Antonio da Costa professor da Universidade Lusófona da Guiné-Bissau pelo apoio desde a primeira hora antes da minha vinda ao Brasil, meu muito obrigado pela correção das minhas redações.

Agradecer o Professor Ricardino Dumas Teixeira aquém me ofereceu um livro que com toda certeza afirmo que me direciona e possibilita a consumação deste trabalho.

Agradecer a professora Artemisa Odila Cande e professor Ricardo Ossagô Júnior Carvalho.

Agradecer a Didier Té, Ivanilson Monteiro, Thamilton Teixeira, Fernando Siga, Edson Cardoso, Júlio Cambanco, Marisa Sá que sempre me apoiaram.

Agradecer a todos os meus colegas do Edital 2014.1 em especial Armando Arnaldo Correia, Mamadú Indjai, Besna Mané, Decio Otto, Rui da Costa...

Por fim, agradecer a todos os paroquianos da Igreja Santo Antônio de Bandim em Bissau e de forma mais que especial a todos os membros do grupo Adolescente, Jovens, grupo Coral Santa Cecilia e todos elementos de NAIAS (Núcleo de Amigos e Irmãos Amantes do Saber) pelos momentos partilhados que considero de muito aprendizado.

## RESUMO

A criminalidade com sua delimitação, assalto à mão armada e roubo na Guiné-Bissau é um fenômeno que assola o país depois da Guerra civil de 7 de junho e ganhou mais espaço a partir de 2008, portanto o presente trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar as percepções dos estudantes guineenses na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) do edital 2015.3 e 2016.1 sobre a situação da criminalidade e objetivos específicos: entender o porquê do assalto à mão armada e roubo; procurar as motivações dos jovens a aderirem a esta prática; apurar o papel do Estado e da sociedade civil através dos movimentos juvenis, suas ações perante os fenômenos e analisar as políticas públicas como alternativas para a contenção da criminalidade.

**Palavra-chave:** Criminalidade. Políticas públicas. Jovens. Guiné-Bissau

## **ABSTRACT**

Criminality with its demarcation, armed robbery and robbery in Guinea-Bissau is a phenomenon that plagues the country after the Civil War June 7th and gained more space from 2008, so the present work has as general goal describe and analyze the perceptions of Guinean students in UNILAB (University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophone) of selection notice 2015.3 and 2016.1 on the crime situation and specific goals: understand the reason for armed robbery and robbery; Seek the motivations of young people to involve in this practice; study the role of the State and civil society through youth movements, their actions in the face of phenomena and analyze public policies as alternatives to contain crime.

**Keywords:** Crime. Public policy. Youngs. Guinea Bissau



## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ANG- Agencia de Notícias de Guiné

BM- Banco Mundial

CELIBA- Centro de Liberdade Assistida

CEI- Casa dos Estudantes do Império

CNJ- Conselho Nacional de Juventude

CPLP- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

DENARP- Documento Estratégico Nacional para Redução da Pobreza

ECOWAS- Economic Community of West African States (comunidade econômica dos Estados da África Ocidental- CEDEAO)

FARP- Força Armada Revolucionaria do povo

FMI- Fundo Monetária Internacional

FNJP- Fórum Nacional de Juventude e População

IDH- Índice do Desenvolvimento Humano

ILAP- Inquérito Ligeiro para avaliação da Pobreza

LGDH- Liga Guineense dos Direitos Humanos

MISSANG- Missão angolana para apoio a reforma e segurança

OMD- Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

ONU- Organização das Nações Unidas

PAIGC- Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde

PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PIB- Produto Interno Bruto

PJ- Policia Judiciaria

POP- Policia de Ordem Pública

PRS- Partido da Renovação Social

RENAJ- Rede Nacional das Associações Juvenis

RGPH- Recenseamento Geral da População e Habitação

UDIB- União Desportiva Internacional de Bissau

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1. Caso de 17 de outubro de 1986\_\_\_\_\_ p. 22.

Quadro 2. Crise política e episódios de violência\_\_\_\_\_ p. 27.

## **LISTA DE FIGURA**

Figura 1: mapa de Guiné-Bissau e suas regiões \_\_\_\_\_ p. 21.

Figura 2. Mapa de cidade de Bissau \_\_\_\_\_ p. 45.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>12</b> |
| 1.1. METODOLOGIA .....  | 14        |
| <b>2. CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, ECONOMICO E SOCIAL .....</b>                                      | <b>19</b> |
| 2.1. CONTEXTO HISTORICO .....   | 19        |
| 2.2. CONTEXTO POLITICO .....  | 23        |
| 2.3. CONTEXTO ECONÔMICO E SOCIAL .....  | 29        |
| <b>3. PERCEPÇÃO SOBRE CRIMINALIDADE .....</b>   | <b>34</b> |
| 3.1. PERCEPÇÃO SOBRE MOTIVAÇÃO DOS JOVENS A ADERIREM AO CRIME<br>(ASSALTO A MÃO ARMADA E ROUBO) ..... | 37        |
| 3.2. CIDADE E O MEDO: RELATO DE ASSALTO E ROUBO .....   | 44        |
| <b>4. O PAPEL DO ESTADO E DA SOCIEDADE CIVIL NO COMBATE À<br/>CRIMINALIDADE EM BISSAU .....</b>       | <b>51</b> |
| 4.1. POLÍTICA DO ESTADO E DA SOCIEDADE CIVIL PARA DIMINUIÇÃO DO<br>FENOMENO DA CRIMINALIDADE .....    | 51        |
| 4.2. O QUE DEVE SER FEITO PARA CONTER A CRIMINALIDADE A VER DOS<br>ESTUDANTES .....                   | 55        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>61</b> |
| <b>REFERENCIAS .....</b>  | <b>64</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Sem receio de proferir, conseqüentemente, que nas sociedades urbanas presentes a pobreza é um dos motivos que possibilita a ocorrência da criminalidade, a situação de carência restringe, fracassa e revolta principalmente os jovens, dada a sua condição de não ter os jovens encontram na atividade ilícita mecanismo para a sua sobrevivência, aderindo por assim dizer as práticas como venda de drogas, furtos e roubos como retribuição rápida (ESPINHEIRA, 2008). Partindo desta permissa o nosso estudo busca entender será mesmo a pobreza fator de adesão dos jovens guineenses no assalto à mão armada e roubo? Qual o papel do Estado guineense e a sociedade civil como componentes ou partes que devem trabalhar juntos para diminuir a pratica? O assalto e roubo são feitos em grupo ou individual?

Com intuito de achar as respostas para as nossas indagações, o presente trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar as percepções dos estudantes guineense acerca da situação da criminalidade na Guiné-Bissau de 2006 a 2016 e tem como objetivos específicos: 1º entender o porquê do assalto à mão armada e roubo; 2º procurar as motivações dos jovens a aderirem a esta prática; 3º apurar o papel do Estado e da sociedade civil através dos movimentos juvenis, suas ações perante os fenômenos; analisar as políticas públicas como alternativas para a contenção da criminalidade. Sabe-se que a criminalidade é um conceito amplo que abarca vários tipos de violência, portanto o trabalho foca ou tem como delimitação: assalto à mão armada e roubo.

No que tange a escolha do tema deste trabalho, a ideia surgiu a partir duma aula da disciplina Leitura e produção do texto II ministrada pelo professor Kennedy Nobre Cabral quando o mesmo (professor) pediu para cada estudante escolher um tema para redigir um projeto de pesquisa, daí me optei por este tema porque depois de guerra civil de 1998 percebe-se que o país mudou muito, começou a tornar visível o que era invisível mais a partir de 2009 , o assalto à mão armada e roubo passam a fazer parte do cotidiano dos cidadãos de Bissau em alguns bairros nomeadamente: Bandim, Mindara, Cuntum, Belém e Bairro de Ajuda , o medo de andar nas ruas com os pertences (fio de ouro, celulares, dinheiro), para não ser roubado, assalto nas casas, nos locais de vendas (mercados) e adulteração de moeda etc. Por outro lado, no que tange a criminalidade na Guiné-Bissau tem poucas literaturas sobre o assunto, o trabalho conhecido é de duas autoras Roque; Cardoso (2008) que abordaram comparativamente a violência na cidade de Praia e Bissau, no sentido de entender por que Praia tem mais grupos de

gangues em relação a Bissau. Por ser uma área pouca explorada pelos acadêmicos guineense, e que sua compreensão reveste duma importância imprescindível, sendo um problema social, decidi-me mergulhar para poder compreender o que está por de trás, dando vozes aos jovens estudantes que falassem sobre assunto e apontar alternativas que possam ajudar o Estado guineense na formulação de políticas públicas para a população em especial para os mesmos. Espera-se com este trabalho puder contribuir socialmente, possibilitando a compreensão dos fenômenos em estudo para que possamos criar uma sociedade harmoniosa, academicamente, contribuindo com o trabalho como base teórico para posterior estudo no que refere a violência na Guiné-Bissau.

O presente trabalho para além da introdução e considerações finais está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo analisa-se a influência estrutural (contexto histórico, político, econômico e social) e individual como sendo os aspectos que devem ser levados em consideração para a compreensão da criminalidade. Como nos aponta Haguette *apud* Maloa (2012), as pesquisas na área da criminalidade precisam buscar retomar o caminho por meio de vertentes individual e estrutural. No segundo capítulo debruça-se sobre a noção da violência e criminalidade nos entendimentos de autores como: Cesar; Alberto (2008), Barata (2008), Bonfim; Kranh (2008) e entrelaçando-os com as percepções dos estudantes inqueridos respetivamente. Ainda no segundo capítulo fala-se das motivações dos jovens a aderirem ao crime através dos olhares dos estudantes e com os autores como: Fanchinetta (2010), Melo (2009), Barata (2008), Wieviorka (1997), Roque; Cardoso (2008), e Cesar; Alberto (2008). E no terceiro tópico de segundo capítulo profira-se sobre a transformação social ocorrido na cidade e a sensação do medo motivado pelo assalto a mão armada e roubo, partindo dos relatos dos estudantes assim como as notícias vinculadas nos jornais O Democrata (2016); Diário de Notícias (2014) e autores como Maloa (2012), Roque; Cardoso (2008) e Barata (2008).

Relativamente ao terceiro capítulo no seu primeiro tópico aborda-se o papel do Estado através do governo e a sociedade civil através dos movimentos juvenis suas ações na contenção da criminalidade, mas antes foi analisada as definições dos dois conceitos (Estado e Sociedade civil). E no segundo tópico aponta-se as considerações dos interlocutores no que tange as medidas que devem ser adotadas para a prevenção dos fenômenos em estudo de igual modo mesclando com a políticas pública adotada pela Holanda e algumas apontadas pelos nossos autores. Explica-se mais a adiante a maneira como o trabalho foi costurado através da análise metódico ou procedimento, que permitiu a consumação do objetivo almejado.

## 1.1. METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de que qualquer que seja o trabalho científico remete um método, ou seja uma metodologia para a consumação do objetivo almejado, o nosso não fugiu essa lógica. De acordo com Silveira; Córdova (2009, p.31) no tocante a definição da pesquisa científica, eles afirmam que, “a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos”. Lehfeld (1991 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) retrata à pesquisa como sendo a inquirição, o processo metódico e intensivo, que tem como finalidade, encontrar e explicar os fatos que estão incorporados em uma determinada realidade.

Também pode descrever a pesquisa como o método coerente e metódico que tem como finalidade, propiciar explicações às questões que são nomeadas. A pesquisa é demandada quando não se possui a informação satisfatória para responder um determinado problema, de outro modo, portanto, quando a informação acessível está em tal “condição de desordem que não consiga ser satisfatoriamente concernente ao problema. Na prática, o estudo, ou seja, a pesquisa faz-se no decorrer de um processo que abrange várias fases, “desde a adequada formulação do problema até mesmo a satisfatória apresentação dos resultados” (GIL, 2002 p.17).

Nesse caminho, para a realização deste trabalho em termos da obtenção de informações, a pesquisa ganhou um caráter qualitativo, orientada por procedimentos que giram em torno da pesquisa bibliográfica e documental, por um lado, e a pesquisa de campo, assentada na entrevista semiestruturada com um grupo de jovens guineenses que vieram estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira- UNILAB, no Ceará. Explico mais detalhadamente todos os procedimentos e as etapas de meu estudo a seguir.

### Quanto à abordagem

A pesquisa qualitativa não se interessa com relevância numérica, mas, sim, com o aprofundamento do entendimento de um grupo social, de uma corporação, etc. Os investigadores que preferem a abordagem qualitativa opõem-se ao pensamento que defende um padrão único de pesquisa a todas as ciências, já que as ciências sociais têm suas peculiaridades, o que pressupõe procedimentos próprios. Desta maneira, os investigadores qualitativos rejeitam o padrão positivista aplicado ao estudo da vida social, dado que o investigador não pode formar juízos, nem possibilitar que seus julgamentos e convicções infectem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

A pesquisa qualitativa pode ser identificada, ou seja, reconhecida como a tentativa de um entendimento minucioso dos significados e características situacionais retratados pelos interrogados (RICHARDSON, 2010, p.90). A pesquisa qualitativa “responde a questões particulares”. Em Ciências Sociais, se interessa mais ou preocupa com “um nível de realidade que não pode ser quantificado”, por outras palavras, “ela trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2010 p.271).

Em consonância ainda com a pesquisa qualitativa, Menga (*apud* MARCONI; LAKATOS, 2010 p.271) afirma que, a pesquisa qualitativa “é o que se desenvolve numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Partindo desta orientação que a pesquisa qualitativa nos oferece, nosso estudo se organiza numa perspectiva de que toda pesquisa tem um caráter explicativo, isto é, se fundamenta pelo viés da explicação. Para ilustrar isso, trago as percepções dos jovens estudantes Guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brsileira (UNILAB) do edital 2015.3 e 2016.1, acerca dos fenômenos em estudo e de alguns trabalhos já publicados, no sentido de entender quais são as razões dos jovens se mobilizarem para a prática ilícita, neste caso, assalto à mão armada e roubo sendo as delimitações do nosso trabalho, ou seja, delimitações do tema.

Este modelo de pesquisa preocupa-se em perceber as razões que apontam ou que favorecem para a ocorrência das manifestações ou fenômenos sociais. Por outras palavras, este modelo de pesquisa demonstra o porquê das coisas por meio de resultados apresentados. Pode-se considerar uma pesquisa explicativa como desdobramento de outra descritiva, dado que o reconhecimento de motivos que apontam um fenômeno requer que este esteja bem pormenorizado e aprofundado (GIL, 2002).

Quanto aos procedimentos que foram adotados em nosso estudo, estão pesquisa bibliográfica, documental e a pesquisa de campo. No que tange a pesquisa bibliográfica, foram feitas levantamento das informações através dos livros e dos artigos publicados, de diferentes visões, ou seja, percepções no que diz respeito à violência. Para Fonseca, (2002, p.32 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.



Segundo Gil (*apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37) “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”. Nessa mesma perspectiva, a pesquisa documental se gesta a partir da análise de relatórios e notícias publicadas nos jornais, documentos jurídicos e históricos, etc. A pesquisa documental estereota as mesmas opções da pesquisa bibliográfica, sendo as vezes até difícil de diferenciá-las. O estudo bibliográfico usa fontes compostas por material já produzido, integrado fundamentalmente por livros e artigos científicos encontrados em bibliotecas. O estudo documental usa a fontes mais diversas e espalhas ou dispersas, sem trato analítico, nomeadamente: “tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.” (FONSECA, 2002, p.32 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37).

A outra etapa da minha pesquisa, todavia, se concentrou no trabalho de campo realizado com os estudantes guineenses do edital e da Instituição supracitada. Nesse sentido, o estudo de campo configura-se pelas inquirições no qual, além da “pesquisa bibliográfica e/ou documental”, se faz coleta de dados junto aos indivíduos, através de diversas maneiras de pesquisa, por exemplo: “pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.” (FONSECA, 2002 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37).

A coleta de dados foi através de entrevista semiestruturada, orientada por um roteiro de nove (9) perguntas. As entrevistas semiestruturadas foram com os estudantes recém-chegados do edital 2015.3 e 2016.1 respetivamente, considerados capazes de contribuir para a consumação do objetivo almejado, porque saíram de Bissau a pouco tempo e de diferentes bairros, entre os quais: Bandim, Mindará, Luanda, Bairro de Ajuda, Missira, bairro Militar, Pilum e Aeroporto. Foram entrevistados no total doze (12) pessoas, (6) meninas e (6) rapazes dividido entre os cursos de Engenharia de energias, Administração pública, Humanidades, Letras e Biologia no total de onze (11) estudantes e uma jovem representando a sociedade civil, coordenadora de departamento de saúde de parlamento Nacional infantil, que estava na universidade para ministrar uma palestra sobre gravidez precoce das adolescentes e jovens da comunidade dos países da língua portuguesa (C.P.L.P), na comemoração alusiva ao dia da África, 25 de maio.

A entrevista simboliza uma das ferramentas essenciais para a coleta dos dados. Trata-se de um diálogo oral através de dois indivíduos, sendo que um deles é o entrevistador e o outro o entrevistado. A obrigação de um e outro pode alterar em conformidade com a forma da

entrevista. Salientando que todas elas têm uma finalidade, quer dizer, a aquisição de informações interessantes e de entender as perspectivas e experiências dos indivíduos entrevistados (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Por motivo de sua natureza comunicativa, a entrevista possibilita falar de grandes temas, que raramente poderiam ser desenvolvidos devidamente por meio de questionários, analisando-os em profundidade (MAZZOTTI 1999:168 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2010). Em conformidade com Goode e Hatt (*apud* MARCONI; LAKATOS, 2010, p.279), a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social comum à conversação”.

A entrevista é um procedimento imprescindível que possibilita o “desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”. É uma maneira de conversação em que determinada informação é propagada ou transmitida de um indivíduo para outro indivíduo (RICHARDSON, 2010, p.207).

Na qualidade de procedimento de recolha de dados, a entrevista apresenta múltiplas vantagens e limites:

Vantagens- pode ser usada com todos os segmentos da população. Há maior flexibilidade e oportunidade para avaliar atitudes e comportamentos, podendo o entrevistado ser bem mais observado. Possibilita também a coleta de dados importantes que não se encontram em fontes documentais;

Limitações- quando o há dificuldade de expressão, de comunicação ou de incorporação clara dos significados, levando a uma falsa interpretação. Há possibilidade de o entrevistador sofrer influência do questionário. Outros aspetos são: retenção de dados importantes e ser de longa duração, não sendo econômica (MARCONI; LAKATOS,2010 p.280).

Reforçando o que foi supracitada, trabalhamos com a entrevista semiestruturada. No tocante a entrevista semiestruturada, o investigador prepara um conjunto de perguntas “(roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARD; RAMOS et al., 2009, p.72).

No que diz respeito ao gravador sendo um dos instrumentos utilizado na entrevista para a captação de informações. Victora et al. (*apud* MELOA, 2012, p.53), afirmam que “é muito importante usar o gravador para registro”. O gravador é um dispositivo técnico que permite suprimir, isto é, pelo menos, diminuir as prováveis distrações trazidas por intermédio do entrevistador, diante disso, este mecanismo possibilita recolher com fidelidade os monólogos dos informantes, de outra maneira, conversa entre entrevistado e o investigado. Para Queiroz (*apud* MELOA, 2012, p.54) “não cabe, neste caso, procurar a existência ou não daquilo que os informantes apresentaram como acontecimento, cabe sim registrá-lo como tal”.

Seguidamente a realização das entrevistas, fiz a transcrição. A transcrição da entrevista simboliza a reprodução da entrevista, do jeito que ela foi cedida ao pesquisador ou entrevistador, sem alterar o discurso do entrevistado. A transcrição da matéria deve ser mais fiel próximo possível a da gravação. É importante ressaltar ainda que a transcrição da entrevista tem como intuito possibilitar um manuseio mais simples dos dados do campo e assegurar a manutenção do documento transcrito, devido a fragilidade das fitas (QUEIROZ, 1991 *apud* MALOA, 2012, p.55).

“Uma vez feita, a entrevista deve ser transcrita e analisada” Richardson (2010, p.217). Aconselha-se não deixar as fitas acumular-se, nem os transcritos empilhar-se e nem estudá-la à proporção que estão acessíveis. O investigador deve empenhar-se, pelo menos, do mesmo modo que foi o procedimento da entrevista ao estudo e à apreciação do material, prontamente depois da entrevista ter sido concretizada. Isto é imprescindível porque podem aparecer pormenores ou aspetos não perceptíveis ou, precisamente, uma gravação arruinada que demande a realização duma nova conversa com determinado indivíduo (RICHARDSON, 2010). Saliendo que, foi isto que aconteceu na realização deste trabalho.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO, ECONÓMICO E SOCIAL

### 2.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Para falarmos da questão da criminalidade na Guiné-Bissau precisamos voltar no tempo para que possamos situar melhor, porém abordaremos alguns acontecimentos político, social e econômico que tenham marcado o jovem país. Como afirma Haguette (*apud* MALOA, 2012, p.20), os estudos sobre criminalidade devem procurar retomar o caminho por meio de aspecto individual e estrutural, porém, “tanto as estruturas quanto os micros processos de ação social devem ser conhecidos, analisados e interpretados, cabendo a cada um a metodologia apropriada, a metodologia que melhor adequa ao problema que se deseja investigar”.

Enquanto para Matos Junior (*apud* MALOA, 2012, p.20), os pesquisadores da criminalidade devem criar “um ininterrupto cambio de olhar” capaz de reproduzir e reconduzir o que se pretende estudar, nos diversos períodos que constituem o seu trabalho. Encontramos essa orientação metodológica nos textos de Semedo (2010); Carvalho (2014), Djau (2016) e DENARP I e II, um olhar específico sobre a Guiné-Bissau porque acreditamos que é imperativo analisar o âmbito estrutural e individual no sentido de procurar entender as motivações dos jovens a aderirem sobretudo o mundo da violência.

Segundo Semedo (2010), a república da Guiné-Bissau localiza-se na margem ocidental do continente Africano, expandindo-se no litoral a partir de cabo Roxo a ponta Cadete. O país constitui fronteira com o Senegal ao norte, ao leste e sudeste com Guiné-Conacri e no sul e oeste junto ao oceano Atlântico. Para além da área continental a região agrega justamente 40 ilhas que formam o Arquipélago dos bijagós, desassociado do continente pelos canais de Geba, Pedro Alvares, Bolama e Canhabaque. Desde então o País soma 36.125 km<sup>2</sup> de superfície separado administrativamente em 8 regiões, dentre os quais temos: Biombo, Quinara, Tomabali, Oio, Bolama, Gabu, Bafata e Cacheu, um setor Autônomo que é a Capital Bissau. Em termos climática, o clima é quente-frio, com estação seca que começa no mês de novembro e termina no mês de maio e a chuvosa de maio até outubro. A densidade populacional é de um milhão e quinhentos habitantes com uma pluralidade de grupos étnicos dos quais se destacam: balantas com (30%), manjacos (14%), papeis (7%), mandigas (13%), fulas (20%), banhuns, baiotes, sussos, brames, mancanhas, beafadas, bijagós, felupes, cassangas, saracolés, balantas-mané, futa-fulas oincas, entre outros. O apoderamento da Guiné-Bissau por parte de Portugal foi muito controverso ao logo da época que o país colonizador acomodou, entretanto, suscitou

um conflito armado perpetrado pelo partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC), e este conflito foi conduzido pelo Amílcar Cabral<sup>1</sup>, o mesmo durou 11 anos, teve o seu início nas décadas de 60. O revolucionário que liderou o conflito contra os colonizadores foi morto em 20 de janeiro de 1973 em Conacri. Até hoje não se sabe quem são os mandantes da sua morte. Nas Colinas de Boé, na Vila de Lugadjol, apesar do acontecido a independência foi proclamada pelo partido PAIGC unilateralmente em 24 de setembro de 1973, mais tarde reconhecida pelo Portugal em 10 de setembro de 1974.

Apesar da ideia supracitada de Semedo de que não se sabe quem são os mandantes da morte de Amílcar Cabral. Forrest (*apud* DJAU, 2016, p.12) diz que, a morte de Amílcar era concebida dessa maneira: por exemplo, existia os que apontavam os quesitos raciais e étnicas, uma vez que, em concordância com essa interpretação, a “elite cabo-verdiana” comandou os órgãos superiores do partido e do país, enquanto os “Bissau guineenses”, embora constituindo grupos predominantes nas FARP (Forças Armadas Revolucionaria do Povo), não detinham poder de deliberação; de outro ponto de vista, havia argumento por meio do PAIGC de que Amílcar Cabral foi executado por intermédio de serviços secretos lusitanos. Ou seja, existia duas posições em conflitos que de certa forma possibilitou o rompimento entre Guiné-Bissau e Cabo-Verde. Mais adiante abordaremos com mais detalhes, essa separação.

---

<sup>1</sup> Amílcar Cabral nasceu no dia 12 de setembro de 1924 em Bafatá, Guiné-Bissau. Filho de Juvenal Lopes Cabral e de Iva Pinhel Évora, Amílcar foi poeta, agrônomo, fundador do PAIGC e “pai” da independência de Guiné-Bissau (oficialmente reconhecido pelo Portugal no dia 10 de setembro de 1974) e Cabo-Verde (5 de julho de 1975). Em 1932 Amílcar Cabral transferiu-se com a família para a ilha de Santiago em Cabo Verde onde passou grande parte da infância e mocidade, na vila de Santa Catarina. Começou o seu estudo no liceu em S. Vicente no ano 1937-38, em 1943 findou os seus estudos complementares. Depois de concluir o liceu, conseguiu uma bolsa de estudos no Instituto Superior de Agronomia em Portugal. Onde em 1945-46 viajou para lá. Em Portugal, Amílcar Cabral envolveu-se incessantemente no combate antifascista juntamente com demais estudantes africanos. Sempre preservou as suas ideologias da emancipação das colónias africanas numa maneira bastante ativa, conseqüentemente, em 1948-51 foi nomeado presidente do Comité da Cultura da Casa dos Estudantes do Império (CEI), em 1950 secretário-geral e em 1951 vice-presidente. Em 1952 retorna a Bissau, no qual labuta no posto experimental de Pessubé e faz listagem agrícola, aquilo que viria a servir de suporte a feitura do plano da guerra armada em 1963. Amílcar foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1973 em Conacri (SAPONOTÍCIAS, 2009). [...], Amílcar foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1973 em Conacri (NEVES, 2005:2 *apud* LARANJEIRO, 2014 p.4).



Figura 2: mapa de Guiné-Bissau e suas regiões

Fonte: Google, 2016. Modificado pelo autor

De acordo com Ferreira et al (2013), contudo após a morte de Amílcar Cabral, no seio dos dirigentes do PAIGC gerou clima de incerteza. Ainda com atenção voltada para habitantes mais carente, ou seja, mais necessitados na educação e com relação à reconstrução do País, as incertezas tanto no partido assim como em todo o país existiam como afirma (RIZZI, 2010 *apud* FERREIRA et al, 2013). Além do mais, com a saída do Portugal do território, pairavam as dificuldades no que diz respeito à constituição de um Estado devido a quase inexistência dos quadros para governar. O País contou com o primeiro Liceu só em 1958, situado em Bissau, chamado liceu nacional Honório Pereira Barreto (SEMEDO, 2010).

As substituições da violência do colonizador por violência da governança do nativo cravaram devido a hierarquia social em que a alta sociedade era firmada ainda como cerne do País. Os direitos conquistados de liberdade e igualdade através da luta não resultaram em nada, pois a ideia de unir Guiné-Bissau e Cabo-verde foi por agua baixa, em vista das disputas internas no PAIGC (Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo-Verde). Mesmo com alguma ligação histórica, os dois países acabaram por se separar devido a iniciativa das chefias guineenses, afirmando que sendo Cabo-verde composto só de Ilhas estaria usando Guiné-Bissau para seu interesse, o que possibilitaria um “neocolonialismo Cabo-verdiano”, onde a Guiné estaria dominada por outro território. A inexistência de quadro que assegurasse a famosa liberdade e igualdade, desconsideração das particularidades étnicas e conflitos entre

adversários, motivaram uma crise que resultou no golpe de 1980<sup>2</sup>, após o consentimento de um regimento. Nino Vieira do partido na altura primeiro ministro estabeleceu um comando militar rompendo assim os laços que juntavam os dois países-irmãos. Em 1980 levantou a constituição e apresentou outra no ano 1984, no ano seguinte os adversários políticos tentaram perpetrar um golpe de Estado, que não surtiu efeito, isto faz com que o governo se afastasse dos ideais socialistas ainda incorporado no partido, criando assim laço com ocidente com o intuito de assegurar por mais tempo no poder, emergindo assim um regime ditatorial onde várias pessoas foram mortas e a crise social se alastrando (SEMEDO, 2010 *apud* FERREIRA *et al*, 2013).

O regime passou a ser instituído e fiscalizado pelos militares Bissau guineense e pelo partido PAIGC, formado e ligado na pessoa do general João Bernardo Vieira, possibilitando por assim dizer uma nova prática política e administrativa que passou se estabelecendo “como regime militar de partido único”. As substituições dos poderes ficavam cada vez mais perceptíveis, e as tropas e antigos combatentes passaram a comandar o contexto governamental, edificando desse modo um sistema opressivo construído a partir do militarismo e partidarismo (KOUDAWO *apud* DJAU, 2016).

As deliberações políticas viravam, ou seja, giravam em volta das lideranças militares que tinham o poder no partido PAIGC e nas FARP (Forças Armadas Revolucionária do Povo) a partir de golpe de 1980. As transmutações ao nível de sistema, ou seja, regime inclusive vão decorrer um ano além do mais com a queixa da sublevação de Estado, integrando altos combatentes e tantas civis pertencentes a etnia Balanta. Em outubro de 1985, vice-presidente da república na altura Paulo Correia, e o procurador da república, Viriato Pã, os dois da etnia Balanta, e mais de vinte chefes de militares do mesmo grupo étnico, teriam sido indiciados, vexados e mortos. Desta maneira, esse acontecimento foi uma das ocorrências mais cruéis de

---

<sup>2</sup> Em 14 de novembro de 1980 houve uma sublevação militar comandado pelo João Bernardo Nino Vieira onde foi deposto Luís Cabral do Cargo do presidente da República. Estas são algumas das justificativas pelo ocorrido: o Estado, que precisava operar como meio de satisfação do bem estar e da defesa dessa massa, ou seja, maioria sociológica, transfigurou-se num grupo a incumbência da minoria, em um quadro onde, como já se informou, a mudança social exclusivamente se operava no interior da máquina político-partidária que materializava e de outro modo coordenava o partido/Estado; debate em volta do esboço dos Regimentos e do programa a apresentar na 3º congresso do PAIGC (Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde) e outra estava ligado ao projeto de revisão constitucional, que, segundo o mandante da revolta, se tinha tencionado na total particularização do poder e na negação da identidade dos guineenses (SOUSA, 2012). Foi instituído um conselho de revolução composto por seguintes pessoas: Nino Vieira como Presidente, Vitor Saúde Maria como 1º ministro, Paulo Correia como 1º Vice-Presidente, Iafai Camará como 2º Vice-Presidente e Manuel Saturnino Costa, Buota N, batcha, João da Silva, Samba L. Mané, Beghateba Na Beate, ambos como Ministros de Estado. Por meio de invalidação da Assembleia Nacional Popular e do conselho de Estado por causa do golpe, todas as atribuições do governo e tanto do Estado passaram a ser apropriados pelo Conselho da Revolução (CR), (SILVA, 2010 *apud* DJAU, 2016, p.13).

aniquilamento sumário de altos combatentes e de pessoas associadas à guerra de independência nacional, mortos por motivos étnicas e raciais (DJAU, 2016). Segue-se em baixo os nomes dos chefes militares do grupo étnico supracitado, envolvidos no caso 17 de outubro de 1985/86:

**Quadro 1.** Caso de 17 de outubro de 1986

|                   |                    |                    |                       |
|-------------------|--------------------|--------------------|-----------------------|
| Paulo Correia     | Buota Nambatcha    | Watna Na Laie      | João Biambi           |
| Binhancarem Na T. | Bighate Na Biате   | Kissif Dentche     | Alexandre C. Nassalan |
| Mbana Sambú       | Mbunhe Na Male     | Tcham Na Man       | Mário Nsimba          |
| Viriato Pã        | Wangna Nanfade     | Ramalho Incanha    | Joãozinho Iala        |
| Bupas Cul         | Tagme Na Waié      | Emílio Costa       |                       |
| Tue na Bangna     | Sae Braia N.Nhagba | Bitchofolá Na Fafe |                       |
| Sana Fuma         | Adriano Cubala     | Nbana Na Sanha     |                       |
| Alqueia Kuassa    | Fernando Cubala    | Nfon Ntunda        |                       |
| Fore Mbitna       | Pedro Cubala       | Alberto Na Haba    |                       |
| Mutna D. Na Dum   | Nhasse Nambera     | Damna Imbunde      |                       |
| Nfon Na Lagna     | Ngare I. Nhanta    | Blakte Na Dum      |                       |

**Fonte:** construído e instituído pelo autor, baseado no trabalho de DJAU (2016).

As desavenças e discordância entre as elites cabo-verdianas e guineenses no centro do partido PAIGC no decorrer de década de 1970 geraram a formação dos grupos no seio deste, e seguidamente na fragmentação das duas nações; o cenário de queixa da sublevação de 1985 que abrangeu chefes militares predominantemente guineenses e de etnia Balanta, se verteu em uma segmentação étnica nas funções mais importantes daquela entidade militar (as FARP) ao menos até determinado momento. O problema dos grupos nas Forças Armadas, englobando as elites militares acabou sendo uma preocupação nacional no qual o Estado precisaria descobrir um meio possível (CARDOSO, 1996 apud DJAU, 2016).

## 2.2. CONTEXTO POLITICO

Na Guiné-Bissau deu-se abertura democrática em 1991 motivada por imposições internas e externas, Externas nomeadamente, de FMI (Fundo Monetária Internacional) e BM (Banco Mundial), que conseqüentemente originou na realização das primeiras eleições em 1994 em



que, candidato do PAIGC, João Bernardo Vieira <sup>3</sup>ganhou, vale relevar que as eleições foram disputadas por vários candidatos, entre eles, destaca-se Kumba Iala <sup>4</sup>que liderava o Partido da Renovação Social (PRS). Contudo o General Ansumane Mane descontente com a governança comandou em 1998 um golpe militar que suscitou uma guerra civil, que durou 11 meses, derrotando assim Nino Vieira que se exilou em Portugal. Portanto, as hostilidades no seio das Forças Armadas e as brigas de interesse foram as causas dessa guerra. Com a guerra vencida pela “junta militar”, a mesma entregou o poder na mão de Malam Bacai Sanha<sup>5</sup>, na altura, líder

<sup>3</sup> João Bernardo Vieira, popularmente chamado de “Nino” Guerrilheiro, político, general e um dos chefes africanos mais queridos, nasceu no dia 27 de abril de 1939, em Bissau. Aos 21 anos, Nino ingressou-se como militante no Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) instituído em 1956 através de Amílcar Cabral, Aristides Pereira e um grupo de camaradas, cujo finalidade inicial era a luta pela emancipação da duradoura dominação colonial português. Em 1959, em consequência da decepção obtida com os procedimentos pacíficos de resistência, o PAIGC instaurou a luta armada. “Nino” deixa, portanto, a profissão de eletricitista iniciada na mocidade e concentra-se à de guerrilheiro e político. Nessa época, entrou convencido, nas alas, ou seja, nas fileiras do Partido, da qual altas instâncias resolvem enviar-lhe para a República Popular da China. Na China obteve um ano de instrução intensiva militar, o que o fez-se preparado a integrar a guerra, iniciada em 1963, pela emancipação do país. Era comandante militar na região de Catió (localizada no Sul do país, junto à fronteira com a República da Guiné Conacri) em 1964. E foi escolhido também como membro do bureau político do comité central do PAIGC. Em 1965, ao completar 26 anos de idade foi vice-presidente do Conselho de Guerra e chefe da Frente Sul. A 24 de Setembro de 1973, a João Bernardo Vieira, já como presidente da Assembleia Nacional Popular que o PAIGC se incumbira de instituir nas “zonas libertadas”, foi dada a honra de enunciar a proclamação da soberania da República da Guiné-Bissau, na Madina do Boé. Não foi somente presidente da Assembleia Nacional bem como representante das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP). De 1977 a 1978, Nino Vieira, dirigente de exércitos guineenses, transitou-se, com a finalidade de obter instrução militar qualificada, ao Estado-Maior das Forças Armadas Cubanas. No meio de junho e agosto de 1998, o conflito civil estalou na Guiné-Bissau. Um grupo de subversivos chefiado pelo antigo camarada de guerrilha Ansumane Mané. Entretanto João Bernardo Nino Vieira foi deposto da função em 1999, daí exilou-se, ou seja, foi expulso, onde escolheu Portugal como destino. De regresso a Guiné-Bissau depois de ter passados seis anos de exílio, participa dos escrutínios ou melhor eleições presidenciais de 2005 e vira mais uma vez presidente da Guiné-Bissau Na antemanhã de 2 de março de 2009 foi assassinado (ANGONOTICIAS,2009). Segundo (INFOPÉDIA, 2017), [...], o presidente foi morto por tropas revoltados em um ataque à sua residência.

<sup>4</sup> Kumba Iala era o principal mentor do Partido da Renovação Social (PRS), instituído em 1992 no momento em que deixou de vincular-se a Frente Democrática Social, partido em que exercia a função de vice-presidente. Da sua trajetória político, compreende que Kumba Yala era dos mais espontâneos políticos da oposição. Passou a maior parte do seu preparo política no PAIGC. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras na Universidade Clássica de Lisboa, cidade da qual fez o Curso de Teologia na Universidade Católica. Portanto em 2000 tomou o destino do país, depois da destituição de Nino Vieira, destituído do poder em resultado do conflito militar chefiado por Ansumane Mané. Kumba Yala governou o país até 2003, no qual foi deposto por um levantamento militar, encabeçado pelo ex-chefe de Estado-maior General das Forças Armadas, Veríssimo Correia Seabra, assassinado após dois anos pelos seus companheiros de armas. O ex-presidente da República Kumba Yala faleceu no dia 4 de abril de 2014 devido a doença cardíaca (VOA, 2014).

<sup>5</sup> Malam Bacai Sanha, nasceu no dia 5 maio de 1947, no sul da Guiné-Bissau, vila de Dar-el-Selam, aldeia de Kam, filho de Bacai Sanha e de Sirem Camara. Formado em Ciências Políticas, na Ex-RDA (Alemanha), entre 1970 a 1974. Homem culto e coerente, combatente da liberdade e militante do PAIGC desde 1962, tem realizado uma atividade política excepcional, traçando o seu ato através da responsabilidade com o bem-estar da população. Casado com Mariama Mané, Malam Bacai Sanhá tem três filhos. Expressa correntemente em diversos dialetos guineenses e três línguas europeias, tanto escrita assim como oralmente, entre os quais: Português, Alemão e Francês. Renomado como indivíduo de diálogo aberto e de ponderação aqui está um resumo da sua trajetória a incumbência da Guiné-Bissau: de 1975/1976, foi administrador da Região de Biombo; 1981/1986 Governador de Gabú; 1986/1990 Ministro da Província Leste; 1990/1991 Secretário-geral da união nacional dos trabalhadores Guineenses (UNTG); 1991/1992 Ministro da informação e telecomunicações; 1992/1994 Ministro de

do Partido PAIGC, de acordo com (RIZZI, 2010 *apud* FERREIRA *et al*, 2013). Para Vigh (*apud* FERREIRA, 2013), muitos jovens inconformados com a forma que o país estava sendo governado decidiram ingressar na guerra civil com o desejo de mudar suas vidas precárias devido ao desemprego. Todavia, a maioria desses jovens faleceu em combate, sem puder realizar o sonho da melhoria de condição de vida deles e dos familiares.

Malam Bacai Sanhá convocou eleições gerais em 1999 e Kumba Iala foi eleito. No entanto, depois de mais um golpe de Estado no ano 2003 do presidente, em 2004 foram realizadas eleições legislativas em 2004 onde PAIGC ganhou, Carlos Gomes Junior <sup>6</sup>na qualidade do presidente do partido vencedor, assumiu posto do primeiro ministro. Em 2005 o então presidente que se exilou em Portugal João Bernardo Vieira, voltou e ganhou as eleições presidenciais realizadas no mesmo ano. Todavia, as instabilidades continuavam pairando e em 2009 o presidente Nino Vieira e o General Tagme na Waie foram assassinadas sem nenhum esclarecimento, mas sabe-se que as divisões na classe castrense foram fatores que influenciaram a execução das duas lideranças Guineenses.

Liga Guineense de Direitos Humanos (LGDH, 2008;2009 p.11) afirma que “depois do duplo assassinato do Presidente e do Chefe do Estado-Maior, assistiram-se a operações de intimidação pelas forças armadas com o propósito de silenciar a opinião pública sobre as desordens por elas cometidas”. A entidade mostra também que após os acontecidos, o período foi marcado pela ameaça à população e por medo espalhado, onde a mesma viu algumas das suas liberdades restringidas pelas Forças Armadas. E foi nesta rotina da violência que duas pessoas foram espancadas, Drs. Pedro Infanda e Francisco José Fadul, pelos militares, posteriormente o Estado-maior tendo declarado publicamente mentor da ação criminosa.

---

Administração Pública e Trabalho; 1994/1999 Presidente da Assembleia da República da Guiné-Bissau; 1999/2000 Presidente da República Interino; 2000/2005 Consultor político. Nas eleições presidenciais de 2005 foi derrotado pelo candidato João Bernardo Nino Vieira, e em 2009, na eleição presidencial antecipada em consequência do assassinato do Presidente Nino Vieira, Malam Bacai foi eleito presidente da Guiné-Bissau. Faleceu em Paris em 9 de janeiro de 2012 (ANG, 2012).

<sup>6</sup> Carlos Gomes Júnior, filho de Carlos Domingos Gomes (um famoso homem de negócio guineense) e de Maria Augusta Ramalho. No dia 19 de dezembro de 1949, nasceu na ilha de Bolama. Casado e pai de quatro filhos, Carlos Gomes Junior é pioneiro de inúmeras empresas sociais na Guiné-Bissau, das quais: Câmara do Comércio, isto é, o Rotary Club de Bissau, e ainda foi presidente da União Desportiva Internacional de Bissau (UDIB, um clube de futebol da elite guineense). Ele é tido como o mais exitoso proprietário de empresa guineense. Empresário nos setores dos combustíveis, banca, seguros, entre outros ramos de atividade, Carlos Gomes Júnior afirma ter abandonado, ou seja, deixado os seus negócios quando, nos términos dos anos 1990, entendeu que Guiné-Bissau necessitava da sua experiência de liderança. Ainda afirma que resolveu ingressar na política com o intuito de recuperar a imagem do país e dar orgulho e dignidade aos guineenses. Para materializar a sua ideia política, afiliou-se no PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde), (SAPONOTÍCIAS, 2012). Em maio de 2004, foi nomeado primeiro ministro e exonerado em novembro de 2005 e em 2008 mais uma vez foi nomeado como o primeiro ministro em janeiro de 2009 e deposto numa sublevação militar em abril de 2012 (SOUSA, 2012).

Melhor dizendo, no dia 23 de março, o cidadão e advogado Pedro Infanda foi preso pelas tropas na divisão de Amura, em Bissau na qual foi alvo de práticas de “vexame, tortura e intimidação”. Três dias depois do ocorrido, o comandante do Estado Maior informou o seu encarceramento, no entanto explicou o decorrido como uma medida de controle para garantir a tranquilidade pública levando em conta que os pareceres deste, colocavam em risco a segurança e tranquilidade no seio da divisão militar. Não obstante, o Estado Maior das Forças Armada fez uma denúncia contra o advogado Pedro Infanda, na continuidade, ou seja, na sequência do qual moveu-se a sua detenção para o Ministério Público que seguidamente foi colocado em liberdade devido à falta de evidências do ato de crime de que tinha processado incorretamente preso e torturado (LGDH,2008,2009 p.11).

Semelhantemente, o antigo Primeiro-ministro e na altura Presidente do Tribunal de Contas, Francisco José Fadul, foi vítima de surras no dia 13 abril por um grupo de 15 militares, momentos depois de ter dado uma conferência de imprensa, onde pediu ao Governo no sentido de condenar as tropas pelo distúrbio, na qualidade de chefe de um partido político na oposição. Por causa das pancadas, sofreu ferimentos graves por toda parte do corpo e teve que ser internado no Hospital Nacional Simão Mendes em Bissau e seguidamente, expelido, por outra palavra evacuado para Lisboa onde se encontra atualmente com medo de retornar ao País. Todas essas práticas se condizem nas denominadas “medidas de contenção do Estado-maior General das Forças Armadas” obscurecidos pela malha da impunidade e ameaça, colocando em risco os direitos à liberdade de imprensa e de expressão (LGDH, 2008,2009 p.11).

Em face desses acontecimentos, o país foi sancionado por diversos organismos internacionais entre 2011-2012 dos quais: Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), da ECOWAS e do Conselho de Segurança da ONU. Angola, com os seus interesses em reservas de Bauxita no país, enviou uma delegação chamada MISSANG, Missão angolana para apoio da reforma de segurança no país, entretanto a incorreção face a clareza da missão resultou na remoção de seus militares no mês de junho de 2012 (PET-REL UNB, 2012; RIZZI, 2010 *apud* FERREIRA ET AL, 2013). Ou seja, Guiné-Bissau sendo um país que depende muito até para o seu orçamento governamental da ajuda exterior, face a estes acontecimentos perdeu alguns financiamentos por parte de entidades supracitada na altura, mas devido aos interesses nos recursos naturais do país, Angola aproximou-se, enviando uma missão com intuito de garantir a reforma de segurança só que esta missão não teve êxito devido à falta de clareza da mesma e desconfiança dos militares guineense, que posteriormente resultou na expulsão de militares angolanos.

Mais outro problema em 2010, Carlos Gomes Junior como primeiro ministro e o General Zamora Induta foram presos. Na sua declaração à imprensa nacional e internacional, Malam Bacai Sanha, presidente do país naquele momento, afirma que o problema tinha sido exclusivamente dentro da classe militar, contudo, mesmo com esta afirmação do presidente da República as organizações das comunidades internacionais exprimiram seus medos no que tange a situação. Ainda em 2011 aconteceu mais uma tentativa de sublevação da ordem constitucional, mas não houve êxito. No começo de 2012, Malam Bacai Sanhá morreu de doença não revelada, por outra palavra, não se sabe que tipo de doença. Em março da mesma época, houve disputa eleitoral, da qual no primeiro turno Carlos Gomes Junior ganhou e Kumba Iala, por sua vez, se recusou ir ao segundo turno. Essa recusa provocou mais uma crise que culminou na prisão do candidato Carlos Gomes Junior mais conhecido por Cadogo e do presidente Interino chamado Raimundo Pereira, ambos do partido PAIGC, todavia logo foram soltos (FERREIRA *et al.* 2013). Melhor dizendo, pouco tempo depois, nas vésperas da divulgação dos resultados das eleições presidenciais, cinco candidatos (Kumba Iala, Serifo Nhamadjo, Henrique Rosa, Afonso Té e Serifo Baldé) repugnaram os resultados eleitorais que indicavam o triunfo de Carlos Gomes Junior, alegando que as eleições tinham sido fraudulentas. O segundo concorrente mais votado (Kumba Iala) assegurou similarmente que não estaria na segunda volta, nem sequer os outros. Atitudes que acabaram por possibilitar mais um golpe de Estado no dia 12 de abril de 2012 (SOUSA, 2012).

Para precisar, segundo Carvalho (2014), a crise na Guiné-Bissau é um imbróglio permanente que desde a proclamação da independência permanece na sociedade Guineense, influenciadas por diversos fatores até agora para discernir, entre os quais; controvérsias dentro do partido mencionadas como motivo de várias tramas. No tempo do regime do partido único, a abertura ao multipartidarismo foi vista como algo que podia garantir a tranquilidade, mas acabou por não corresponder à realidade, porque mesmo com isso continuavam os conflitos no seio do partido PAIGC. Essa crise foi por vezes abafada ou inclusive regulada acabando por ter pouca pertinência, em outras palavras, relevância em termos de mudança, ou seja, alteração do cotidiano do Estado.

Em consonância aos fatores que possibilitam a continuidade da instabilidade no país, segundo Denarp II, (2011, p.17-14):

Um outro fator que marcou a situação político-governativa do país tem sido a utilização do território nacional para narcotráfico. A partir de 2006 este fenómeno fez-se sentir cada vez mais forte na vida pública do país, e no funcionamento das

instituições, agregando-se aos demais fatores geradores de instabilidade política, fragilização do Estado e da corrupção. O fenómeno tem fortemente afetado a imagem do país e das suas instituições no plano internacional, dificultando as ações do Governo. [...] sucessivas interferências dos militares nos assuntos políticos e de governação, minando os esforços virados para a consolidação da democracia e do Estado de Direito.

É importante ressaltar que o período proposto a se analisar aqui nesse estudo é a partir de 2006 a 2016, mas voltando um pouco atrás pegando de 1998, vários episódios de violência até extrema e a instabilidade política marcaram o País, da qual ilustramos em baixo através de uma tabela:

**Quadro 2. Crise política e episódios de violência**

|  |  |
|--|--|
| <b>Assassínios em pleno usos de atividades</b>                           | Ansumane Mané, Veríssimo Seabra, Tagme Na Waie e Nino Vieira;  |
| <b>Impedimentos inconstitucionais do cargo</b>                           | Nino Vieira e Kumba Ialá;  |
| <b>Exilados ou impedidos de viajar após destituição inconstitucional</b> | Zamora Induta, Carlos Gomes Jr., Adiato Nandigna e Raimundo Pereira;   |
| <b>Primeiros-Ministros (16)</b>  | Manuel Saturnino da Costa, Francisco Fadul, Caetano N'tchama, Faustino Imbali, Alamara Nhassé, Mario Pires, Artur Sanha, Carlos Gomes Junior, Aristides Gomes, Martinho N'dafa Kabi, Adiato Djaló Nandigna, Rui Duarte de Barros, Domingos Simões Pereira, Carlos Correia, Baciro Djá e Umaro Embalo |
| <b>Presidentes da República (07)</b>                                     | João Bernardo Vieira, Malam Bacai Sanha, Kumba Iala, Henrique Rosa, Raimundo Pereira, Manuel Serifo Nhamadjo e José Mario Vaz  |
| <b>Chefes de Estado Maior General das Forças Armadas (6)</b>             | Ansumane Mané, Verissimo seabra, Tagme na waie, Zamora Induta, António Indjai e Biaguê Nan Ntan  |

Fonte: Refeito pelo autor baseado nas informações dos trabalhos de (SOUSA,2012; CARVALHO, 2014).

Para Carvalho (2014), tanto internamente assim como externamente têm vindo a assistir o cenário da confusão continuada. A crise política “mãe de todas as outras” na Guiné-Bissau é hoje o motivo sérios dos conflitos que o país passa a todos os níveis. Ainda para ele, os incentivos de origem ideológica, política externa, cultural até pessoal são hoje indicados como motor de crise, contudo, mesmo que sejam os políticos responsáveis pela instabilidade, o povo também tem a sua cota de responsabilidade, pois Sangreman (*apud* CARVALHO, 2014, p. 73)

Afirma por exemplo, que os culpados são acima de tudo os guineenses como um todo, como povo que se por um lado teve o bom senso de não se envolver em conflitos

destruidores de país, por outro lado foi incapaz de ter a consciência coletiva que tem durante a luta para construir um país.

Com algumas parecenças, por sua vez, Fernandes (*apud* CARVALHO, 2014), diz que a culpa é de todos os guineenses, mas colocando em prévia os militares, visto que os mesmos, não foram reestruturados/profissionalizados com propósito de se tornarem de fato militares submetidos ao poder político.

### 2.3. CONTEXTO ECONÔMICO E SOCIAL

Nesta contextualização sócio econômico, traremos alguns dados de estudos realizados no país através de DENARP I e II, Relatório LGDH, 2008 e 2009, juntando assim com a contribuição de um trabalho de dissertação de mestrado de um guineense, para possibilitar essa compreensão. No entanto, seria necessário entender o que é a pobreza e como ela pode ser um dos fatores convidativo para a prática da criminalidade. Segundo (DENARP I, 2005, p.9):

A pobreza demonstra as faltas, privações que impedem o ser humano a aceder ao mínimo vital que a satisfazer as necessidades fundamentais: de nutrição, de saúde, de educação, de alojamento e de viver mais tempo. No mesmo intento a pobreza é um fenómeno objetivo que pode ser definido como um estado de grande carência e uma condição de incapacidade de satisfazer as suas necessidades básicas e humanas em termos de alimentação, roupa, abastecimento em água potável, habitação, saneamento básico, cuidados primários de saúde e educação. Mas a pobreza é também uma limitação da possibilidade de escolha, de incapacidade para as populações de beneficiar das oportunidades que lhes permitem viver nas condições decentes, de liberdade e de dignidade. A pobreza, sobretudo a extrema, priva as populações de meios de ficar em vida porque ameaçados pela fome, doenças e catástrofes ambientais.

A Guiné-Bissau é um país com sérios problemas econômicos motivados por diversos fatores, mas o mais sabido é a instabilidade política. Desde a tomada de independência, o país nunca se estabilizou politicamente e isto tem influenciado muito o não crescimento econômico. Em consonância aos motivos Denarp II, (2011), afirma que devido a junção de várias razões (instabilidade política e institucional, faltas das infraestruturas de base, influência das crises petrolífera e económica internacional, etc.), estes efeitos ficaram muito aquém dos objetivos a princípio definidos, particularmente no que diz respeito ao crescimento económico, que foi, em média, de 3,1% entre 2007 e 2009, contra um objetivo inicial de 5%. Consequentemente, o nível da pobreza continua muito elevado no país (69.3% em 2010, contra uma avaliação de 64,7% em 2002), o que ajudou, de fato, a reduzir as chances do país em conseguir os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) no horizonte 2015.

O país encontra-se com uma economia fraca, o elevado nível significativo de extrema pobreza e de criminalidade organizado, uma gestão Pública aquém da expectativa. É preciso ser levada a cabo uma reestruturação de raiz, sem perpassar para o segundo plano os setores excepcionalmente imprescindíveis e que necessitam de intervenção o mais rápido possível, nomeadamente: a educação, a saúde, a água potável e o saneamento básico (SANHA, 2012).

Na Guiné-Bissau o nível de desenvolvimento humano justamente é debilitado e deficiente. Devido à crise política que assola o país a mais de vários anos, não conseguiu criar excelentes condições para laborações das políticas públicas ambiciosas e sustentáveis (DENARP II, 2011). Num ranking de 169 países, o país com o seu IDH de 0,289 é considerado em 164 ° de acordo com relatório de PNUD sobre o desenvolvimento global. De acordo com último relatório mundial do mesmo programa, entre 2000 e 2010, a Guiné-Bissau registou um crescimento anual do IDH de 0,9 % mesmo assim não conseguiu se igualar com a média para a África subsaariana que foi de 2,1%. É importante salientar que os países com IDH muito baixo é de 1,68%. Tudo isto foi motivado por dois fatores que bloqueiam o baixo rendimento monetário e expectativa de vida (48,6 anos), referindo-se em tal grau a ausência de possibilidades de renda, e acesso aos serviços básico de qualidade. Outro fator relevante para a análise é a discrepância entre a taxa de crescimento da população de 2,5% e a taxa de crescimento econômico, que mal ultrapassa, em média, 3% entre 2000 e 2010 (PNUD *apud* DENARP II, 2011).

No que tange ao emprego, segundo Documento estratégico Nacional para a Redução da Pobreza (2011), o cenário do emprego, principalmente para os jovens não progrediu bastante. A taxa do encargo é de 10,6% entre faixa etária de 15-24 em 2009. Com o subemprego e inatividade entre os jovens, a taxa de inocupação é, provavelmente, cerca de 30%. Em concordância as dificuldades sobretudo dos jovens sendo cerne deste trabalho, segundo Relatório sobre a situação dos Direitos Humanos (2008 e 2009, p.20) redigido pela (LGDH), o nível da crise social determina os jovens a enfrentar incitações sérios para as suas subsistências, sem “enquadramento profissional” diante duma inexistência de política pública para fazer face ao desemprego, tudo isto tem criado por parte da camada jovem, convicção incontornável à emigração ilegal, violência gratuita, afastamento escolar dentre outros. Jovens constantemente deparam-se com problemas sociais angustiantes tais como: falta de apoio às iniciativas juvenis; o associativismo e o voluntariado estão em plena carência de atuação e liderança. Contudo, encontram-se várias iniciativas de empreendedorismo juvenil, mas sem nenhum “enquadramento profissional e económico”, particularmente produção de blocos, limpeza de veículos. De acordo com ILAP II, (*apud* DENARP II, 2011, p.9):

[...] de 2002 e 2010, há um crescimento da pobreza. De fato, os resultados do inquérito de 2010 (ILAPII) indicam que 69,3% dos Guineenses são pobres e 33% extremamente pobre, ou seja, respectivamente 5 pontos e 13% a mais que em 2002. Isso mostra claramente o agravamento da pobreza extrema. A Pobreza em Bissau é constante (51%), ao passo que ela se agravou em outras regiões (3 em 4 pessoas são afetadas), contra 7 em 10 em 2002. As regiões mais atingidas em 2010 são principalmente Oio, Bafatá, Tombali / Quinara e Gabu. A pobreza extrema afeta sobretudo Oio e Cacheu, Bafata, Tombali / Quinara. A pobreza em massa tem um impacto direto sobre a situação das crianças. Entretanto, em 2010, em toda a Guiné-Bissau, 57% das crianças de 5-14 anos se encontram envolvidas no trabalho, com maior proporção em áreas rurais (65%) do que urbanas (45%). A pobreza não monetária atinge 40% da população da Guiné-Bissau. Esta pobreza não monetária afeta 60,3% da população rural e 8,4% da população urbana. A profundidade da pobreza (diferença média, em% em relação à linha de pobreza) é de 5,7% a nível nacional, 8,8% rural e 0,9% nas áreas urbanas. Esse resultado indica que mesmo com pequenos ganhos na melhoria das condições de habitação, saneamento, acesso à água potável e posse de bens duráveis pode resultar em mudanças significativas na incidência da pobreza.

Contudo, após vários períodos de retrocesso no começo da década 2000, continuado de uma ligeira recuperação em 2007, em termos econômicos, o país entra no novo desempenho, ou seja, crescimento em 2008. Dessa maneira, a despeito de um ambiente inconveniente (crise política e institucional, insuficiências no que diz respeito às infraestruturas econômicas de base, com todos esses entraves, a taxa de crescimento real foi em média de 3,1% entre 2008 e 2009, em relação aos resultados de 2006 e 2007 de 1,2 em média, um crescimento que foi instigado pela agricultura, envolvendo produtividade e a saída, ou seja, comercialização externa de castanha de caju de 6,3 % em 2009. Vale ressaltar que o suporte da economia do país é a agricultura, uma fonte de rendimento para 85% da população. No entanto, estas capacidades são amplamente sub exploradas, sendo capaz de servir como meio para apressar o crescimento económico, principalmente nas regiões do país com terras boas, chuvas abundantes e diversidade biológica muito rica. A agricultura cumpre um papel importante nas contas externas do país, e por isso tem um choque enorme na estabilidade macroeconômica. As exportações agrícolas equivalem mais de 98% do total das exportações de rendimentos. “Ela é de longe o maior empregador da economia, 65% do emprego total e constitui um fator muito influente no nível da pobreza do país” (DENARP II,2011, p.29).

Mesmo com este crescimento, o grau de investimento está longe de cobrir as necessidades de reparação das infraestruturas danificadas pela guerra civil de 1998-1999, fortificar e inovar o aparelho de produção e apoiar a concorrência da economia. Na totalidade, a aplicação pública, que refletia 53% da aplicação total entre 2006 e 2008, menos de 10% foram aplicados nos domínios de infraestruturas de produção e a aplicação direto do exterior é quase inexistente. Entretanto, resulta na carência no meio empresarial, abarcando as associadas com a ausência séria de infraestrutura básica (energia, transportes) e fraca eficiência da contribuição do sector



público, faz com que o país ocupa o 181º lugar entre 183 países listados no *Doing Business* 2010 (BANCO MUNDIAL *apud* DENARP II, 2011).

Porém, como noutras áreas, os sectores sociais continuam a enfrentar graves restrições orçamentais acrescidas da fraca capacidade institucional e humana e da falta de motivação do pessoal. Devido ao envelope limitado das despesas globais do Estado (22% do PIB segundo as estimativas, Relatório do FMI, maio 2010), a parte consagrada aos serviços sociais básicos figura entre os mais baixos da sub-região. Em 2006, por exemplo, apenas 4% dos gastos do Governo foi dedicado à educação (10 USD per capita), contra 6,7% (23 USD), no Senegal, com 12,2% (34 USD) no Mali e 10,6% (14 USD), no Níger. Em 2007, a despesa pública em saúde per capita foi estimado em US \$ 4 na Guiné-Bissau, contra uma média de 11 dólares para os países de baixa renda e 34 USD para a região Africana. Para o ano 2011, a dotação orçamental para a educação e saúde é de apenas 20,7% do total, contra 40% recomendado a nível internacional (DENARP II, 2011. p.21).

No que concerne a alfabetização, a população adulta é pouco alfabetizada. Em 2010, a taxa de alfabetização das mulheres de 15 a 24 anos é de 39,9% ao nível nacional, 50,4% em Bissau e apenas 9,7% no meio rural. Isto comprova a proporção da incitação para garantir a qualificação dos recursos humanos no País. Tirando as regiões de Bissau, Bolama-Bijagós e Cacheu, as pessoas podem ser consideradas praticamente analfabetas. Conforme dados do Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH) de 2009, a taxa de analfabetismo continua muito elevada, alcançando 56%. A taxa de alfabetização entre 15 a 24 anos é de 65%, (DENARP II (2011).

Para Denarp II (2011), os fundamentais impasses de direitos humanos no país indicam à incapacidade do Estado em proporcionar o cumprimento dos seus deveres regionais e internacionais. A debilidade dos sistemas judiciais e de segurança propicia todas as práticas socioculturais nocivas, em particular, a violência baseada no género [...]. Neste caso, pela experiência, acrescentaríamos delinquência juvenil, tráfico de droga, prostituição e assalto a mão armada.

O último Inquérito Ligeira para a Avaliação da Pobreza de 2010 (ILAP II), revelou o agravamento da pobreza comparativamente ao ano 2002 e o aumento do desemprego, confirmando a ineficácia das políticas públicas e medidas tomadas para alcançar a ampliação das oportunidades de geração de rendimentos e extensão direitos económicos, (ILAP II,2010 *apud* DENARP, 2011, p.27).

Portanto, é imprescindível demonstrar a ausência de um sistema de seguridade social para fazer face a exclusão social e a extrema necessidade. Além do mais, a Guiné-Bissau está com falta de um procedimento que visa proteger os cidadãos e o restabelecimento da defesa civil (DENARP, 2011).

Em suma, o panorama socioeconômico na Guiné-Bissau é de tristeza enorme, o país, desde a tomada de independência, não conseguiu minimamente garantir a condição básica para a sua população devido aos sucessivos conflitos, ou seja, instabilidade político e militar que tenham abalado o jovem país. Todos esses conflitos refletem negativamente na economia e tanto na vida social, tendo pessoas vivendo com menos de dois (2) dólares por dia, o que possibilita o país a figurar na lista dos países mais pobres do mundo. O mesmo depende muito da ajuda externa para fazer face aos seus problemas. A Guiné carece de infraestrutura básica de qualidade em todo sentido, não há eletricidade, não existe política de emprego-jovens. Investimento exterior é quase inexistente devido a crônica crise político-militar que desde a proclamação da famosa independência até hoje continua a fazer parte do nosso cotidiano. A educação sendo hoje no mundo um instrumento de grande importância para o desenvolvimento, continua a ser desprezada no país, em termos orçamentais recebe pouco recurso do estado, portanto temos professores mal pagos, atrasam para receber o miserável salário, tudo isto reflete nas sucessivas greves, ou seja, na paralização constante do ensino público e, conseqüentemente provoca o surgimento de fenômenos sociais como a violência urbana em cidades como Bissau.

### 3. PERCEPÇÃO SOBRE CRIMINALIDADE

Falaremos da noção da violência abordada por alguns autores e entrelaçar a mesma com a definição do conceito da criminalidade na percepção dos estudantes Guineenses indagados.

Para Cesar; Alberto (2008 p.103) a violência é um fenômeno que vem se crescendo no mundo moderno. Perceber a ligação entre a mesma do nosso dia a dia (estrutural, simbólica, física, econômica) e a sua provocação virou-se uma instigação da sociedade como um todo. Segundo o autor, faz todo sentido relevar que maior parte dos implicados nesse mundo são jovens citadinos de subúrbios ou seja de bairros populares, com rendimento familiar muito abaixo da média, pouco nível de escolaridade e geralmente são estudantes de escolas públicas.

De acordo com a autora Barata (2008, p.3) “não existe um conceito íntegro sobre violência. Esta deriva do latim *violentia*, ou seja, aplicação de força. É vista de muitas formas diferentes, classificada com critérios algo confusos e rotulada conseqüentemente por ruptura de normas”. Em consonância, Cesar; Alberto, (2008, p.105), afirmam que a violência não tem somente uma única definição, ela depende, ou seja, varia em conformidade com cada sociedade. Entretanto, nas sociedades europeias existe uma peculiaridade em definir a violência na qualidade de perda dos direitos “e / ou quando o cidadão tem a sua integridade moral e física ameaçada. A violência pode tanto ser um mecanismo de defesa, quanto pode ser intencional”. Para a filósofa Marilena Chauí (*apud* CESAR; ALBERTO, 2008 p.106) a violência é:

1) tudo que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo o ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); todo o ato da violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito. Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e / ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e terror.

Ainda assim, Calloni (*apud* BARATA, 2008 p.3), categorizou a violência em duas maneiras, que são: objetiva aquela que simboliza ataques permanentes em contradição com o ambiente e subjetiva que configura os ataques, combinadas ou não pelas pessoas. Ele afirma ainda que: “A violência é um fenômeno visceral à condição humana, cujas modalidades e intensidades são indescritíveis”.

Minayo (1994 *apud* CESAR; ALBERTO, 2008) traz os inúmeros delineamentos da violência em três grandes níveis, estrutural, a da resistência e a da delinquência. Diz que a

primeira representaria o termo da injustiça social instituída historicamente, no qual os indivíduos são proibidos de desfrutar os privilégios ou seja direitos sociais imprescindíveis e relevantes. A segunda tem a ver com a implantação de ideia de superioridade em relação ao dessemelhante, baseados na implicância de classe e raça, com base nas reproduções simbólicas da vida societária. Por fim a da delinquência resultado do reflexo ou não do indivíduo exposto a violência estrutural e da resistência, para finalidades pessoais, conseguir sobretudo aquilo que é rejeitado sem levar em consideração as normas ou princípios estabelecidos socialmente.

O fenômeno da violência retrata um estado de ruptura nas convivências sociais, das normas como uma maneira de controlar as pessoas, por outras palavras, a vida humana. É o conjunto de preceitos sociais que pode ser notório de diferentes formas pelas pessoas, instigados por um olhar de classe. A violência fundamenta-se em relação às desigualdades e suas expressões mais externas são as várias formas de conflitos. “Admite várias origens, tanto do aprendizado social, quanto de fatores externos ao indivíduo, já que o homem é influenciado também por suas condições de existência” segundo (DURKHEIM, 1996 *apud* CESAR; ALBERTO, 2008 p.106).

A ver de Bonfim; Krahn (2008 p.153-154), no que tange a compreensão da “violência” afirmam que pode ser percebido de diversas maneiras, ou visto em múltiplas dimensões. Em geral, a mesma refere-se totalmente a ação, numa relação social, “que manifeste no (s) outro (s) constrangimentos, danos físicos, morais e / ou psicológicos, quando este o considera dessa forma”. Para eles, pode ser um fato excepcional ou parte permanente da vida do dia a dia desses agentes. Compreendemos que percepção da violência extrapola essa definição, portanto deve ser classificada em sua dimensão simbólica. Segundo Silva (2004, p.295) *apud* Bonfim; Krahn (2008 p.154), a violência é apontada da mesma forma como uma

[...] construção simbólica que destaca e recorta aspetos das relações sociais que os agentes consideram relevantes, em funções dos quais constroem o sentido e orientam suas ações. [...] [ E essa construção simbólica ] revela aos agentes modelos mais ou menos obrigatórios de conduta, contendo, portanto, uma dimensão prático-normativa institucionalizada que deve ser considerada.

Enquanto que, a ver dos estudantes no que tange a noção da criminalidade:

De acordo com **Antula<sup>7</sup>, estudante de ciências biológicas**, criminalidade é um ato muito desastroso, é uma coisa que eu mais detesto, para mim, pode ser assim, uma coisa que induz os jovens a fazer coisas que não prestam, como os que não tem a ocupação, passam a vida a beber, fumar depois para sustentar o vício entram a roubar, assaltar, invadir os bancos, casas e muito mais.

Para **Luanda, estudante de Humanidades**: penso eu que é um conceito muito grande demais que se calhar nenhuma definição é suficiente para dizer que é isto, porque não

<sup>7</sup>Todos os entrevistados têm os nomes fictícios, nomes de alguns Bairros que compõem a cidade Bissau

é uma ciência exata, estamos a falar duma coisa relacionada a Humanidade, cada qual pode ter a sua percepção, mas quanto a mim, posso definir assim: é conjunto de atos anormais que vão contra a convivência social.

**Tchada, estudante de Humanidades:** fazer atos que não estão bem, por exemplo assalto a mão armada, violência doméstica e muitas coisas.

**Bairro de Ajuda, estudante de letras:** a criminalidade, acho que podemos considerar por conjuntos de ações violentas desencadeadas por grupos de pessoas.

**Bandim, estudante de Engenharia de Energias:** apesar de ter só 22 anos, eu acho que já vivenciei um pouco de tudo. Criminalidade, quando estivermos a falar sobre esse tema, é falar da instabilidade, é ver uma sociedade a desmoronar, é ver o futuro dos jovens a desaparecer, é trazer muita coisa que não é boa para dentro.

**Cuntum Madina, estudante de administração pública:** criminalidade é um ato violento, tudo que não é admissível pela lei é isso que entendo como a criminalidade, abusar de uma pessoa.

**Praça, coordenadora de departamento de saúde sexual reprodutiva de parlamento nacional infantil:** para mim, pessoalmente eu considero a palavra criminalidade, como conceito que utilizamos para caracterizar certo ato anormal que pode afetar a nossa convivência em termos sociais, portanto é assim que percebo.

**Missira, estudante de Engenharia de energias:** para mim eu entendo a criminalidade não só como assalto a mão armada e roubo, criminalidade significa não reconhecer o outro, o seu colega. Por exemplo quando você não me respeita e considera me como inferior.

**Quelele, estudante de humanidades:** Criminalidade para mim é qualquer coisa que é feita fora da lei, que a lei proíbe fazer, mas que a pessoa tenta fazer.

**Pefine, estudante de Humanidades:** para mim qualquer violência brutal ao ser humano é violência intolerável, desde 2006 até hoje, considero que está crescendo cada dia, porque, só uma experiência da vida na nossa casa, o meu irmão mais velho como responsável da família tinha viajado e numa noite algumas pessoas foram para nossa casa, assaltaram a casa levaram quase tudo que tínhamos, na altura eu fiquei um pouco bravo, mas não tinha como fazer porque eles estavam armados. E o que importa também é a nossa vida. Os nossos governantes devem tomar precaução perante esta situação, porque senão cada dia vai se tornar uma ameaça para a sociedade.

O que podemos constatar é que a violência para além de ser uma manifestação social é um fenómeno que desde sempre existe, usada por certos indivíduos quando sentem que estão sendo violados os seus direitos, assim como duma forma também intencional com o intuito de se afirmar perante a sociedade ou meio onde vivem. E o Estado quando não está a cumprir com o seu papel de garantir a proteção aos seus cidadãos, garantir a melhor qualidade de vida, por outras palavras quando não garante Educação, saúde e justiça. A violência é um problema social que está dividido em física e simbólica. Portanto segundo Cesar; Alberto (2008), a violência é empregada com intuito de resolver problemas, conflitos onde último adequa-se enquanto fator estruturante. Transgrede-se para ser permitido na sociedade, para ser admitido, acolhido, para fazer parte do mundo do consumo. Para os autores, a ação de transgressão é uma maneira de procurar quebrar os obstáculos impostos, obstáculos estes que impossibilitam que colaborem e compartilhem dos dispositivos materiais e representativos da sociedade. Nessa circunstância, ela é uma possibilidade de inserção.

Todavia, a violência urbana é imensamente inclusiva, incorpora a violência “doméstica, ao patrimônio, verbal, poluição e a criminalidade”, no tocante a concepção de (BARATA, 2008, p.6). Vale relevar que o que nos interessa é a criminalidade.

### 3.1. PERCEPÇÃO SOBRE MOTIVAÇÃO DOS JOVENS A ADERIREM AO CRIME (ASSALTO A MÃO ARMADA E ROUBO)

Analisando a problemática da violência contemporânea partindo do pressuposto, ou seja, dos motivos que levam os jovens a aderirem o mundo da violência, para Fanchinetto (2010, p.69), vivemos numa sociedade que recomenda a vida plena para todos, aquisição para todas as pessoas, a igualdade para o mundo inteiro, no entanto na realidade particulariza e classifica segundo esses mesmos padrões de consumo. Proferido doutra maneira, todo mundo deve sonhar, contudo só alguns podem e devem exercê-los, aqueles que podem comprar. Para a autora “os sonhos são para todos, as promessas são para todos, mas não as possibilidades de alcançá-los”: porém a prática revela-nos que não existe lugares para todos nessa sociedade de consumo, o jovem, do jeito que olhamos, encara, de maneira bastante peculiar essa realidade “sem lugares” para todos, na medida em que é apresentado a uma série de fragilidades, os compromissos não realizados da preservação dos seus direitos tais como: direito à escola, ao trabalho, à saúde e direito a uma vida honrada.

As inúmeras vulnerabilidades que prejudicam o jovem de maneira peculiar precisam ser compreendidas como permanentes desrespeitos aos direitos dos jovens, dessa maneira mesmo que sejam oficialmente considerados como “sujeitos de direitos”, na realidade existe ainda um enorme caminho a atravessar. Nesta perspectiva, preferencialmente assegurar que os jovens sejam considerados sujeitos de direito, é imprescindível que eles desfrutem seus direitos verdadeiramente garantidos, com intuito de terem melhores possibilidades, afastado da violência, quer como vítimas, quer como autores de práticas infracionais.

Ainda segundo a mesma autora, a inexistência dos espaços na sociedade, a situação de não reconhecimento, suscita perante todos jovens inumeráveis agitações: afim de ultrapassá-las, é necessário, portanto que se perceba quais são os seus motivos, o que as determinou. Se não existe espaços para todos, é indispensável inventar novas maneiras e espaços novos, para que, ao menos, aliviar as nossas perturbações. Ela afirma ainda que para ultrapassar esse “não lugar”, a invisibilidade social em que o jovem é incessantemente direcionado e essas inúmeras formas de violência que o alcançam, é essencial ceder esse novo lugar ao jovem, o lugar da fala, da contestação, do protesto. Sem que ele especificamente exprima o seu ponto de vista é

inconcebível saber o que pretende. Prover um “lugar ao jovem” passa inevitavelmente pela aceitação, ou seja, reconhecimento da sua fala, não censurando sua expressão ou sua ação, mas percebendo o que está “escondido” detrás dessas controvérsias (FACHINETTO, 2010, p.70).

No tocante a abordagem da violência como fenômeno urbano explica-se “pelo fato de que é nas cidades que as pessoas vivem; logo, o espaço urbano é o lugar onde ocorrem as injustiças ou o exercício da cidadania, por ser o lugar do cotidiano das relações humanas, em suas diversas dimensões: do trabalho, do afeto, da cultura, da comunidade” (FEGHALI, 2006 *apud* MELO, K. 2009, p.124).

A dimensão do semblante vem sofrendo uma mutação cuja característica de indicar representações atesta a emergência da presentificação com a pregnância real. À voracidade de um capitalismo desmedido, associado ao avanço das tecnociências, que promovem a oferta de objetos em larga escala e o acesso demasiadamente fácil aos mesmos, os sujeitos são convocados a responder consumindo e sendo consumidos, pagando um preço em suas subjetividades. O obsoleto mostra-se num instante fugaz. O consumo voraz coloca o sujeito na condição de se fazer consumir e, neste ato, o sujeito fica, metaforicamente, em uma condição objetalizada (MELO, 2009, p.126).

Neste aspecto abstrato, pode-se declarar que, na “realidade contemporânea”, os indivíduos, na sociedade, compartilham conforme uma nova organização psicológica, de tal modo que destaca Melman (2003 *apud* MELO, 2009) que, problematizando o entendimento do desenvolvimento na contemporaneidade, adverte para o fato de que, na economia presente, existe oferta de instrumentos ou objetos cada vez mais extraordinários, maior parte essenciais mais para fornecer prazeres tanto objetais assim como narcísicas, trazendo a uma declinação da satisfação num padrão das representações. Portanto, a satisfação na modernidade funciona com os objetos não mais representados, entretanto, efetivamente, presentes na prática. Ilustrando afirmação supracitada a autora trouxe depoimento de um jovem de 17 anos que furtava e roubava e que foi atendida por ela no Centro de Liberdade Assistida (CELIBA). A jovem roubava para poder manter a sua vida de luxo, usava só roupas e acessórios de marca. Esta aparência inventaria e concreta envolvia a sua identidade de influência e condecoração, no corpo social e na comunidade sobretudo na sua totalidade. Suas infrações e obstinação no ato do crime bancavam e custeavam sua precisa preferência imaginária. “Só assim era respeitado e não corria risco de morte em sua comunidade” (MELO, 2009, p.126-127). Buscando dialogar com essa reflexão, chamo a atenção para as falas de nossos interlocutores. Para **Mindara, estudante de Humanidades:**

Os outros jovens são os próprios vícios que eles mesmos criam por si, há jovens que criam vícios e depois não estão na condição de sustentar os vícios, como por exemplo: adoram estar bonitos, ir Bailes, como temos aquela tarde brasileira, angolana, sempre querem estar presentes. Criam bancadas onde sentam, fumam cigarros até drogas

“*yamba*<sup>8</sup>”, daí quando querem satisfazer essas necessidades e não têm o dinheiro como não trabalham, aí optam mais por roubar ou assaltar. **Existe trabalho?** Existe para quem não escolhe, as pessoas só querem um bom trabalho e não têm formação para tal. **Existe formação?** Existe, apesar que é difícil, mas não pode sentar em casa reclamando que não existe centro de formação e não existe formação, existe como por exemplo eu no meu caso, terminei decimo segundo ano, fui fazer teste na escola superior de educação não consegui, mas não desisti no ano seguinte voltei a atentar e consegui, a partir daí comecei a dar aula na escola primaria, aí ganho um pouco.

#### Enquanto que para **Luanda, estudante de Humanidades:**

Posso dizer assim, a motivação da juventude a fazer essa prática, deve-se a falta da escolarização porque se fossem pessoas escolarizadas não fariam, a pobreza por exemplo, há pessoas que não conseguem o pequeno almoço, almoço e jantar, significa que elas estão numa luta para sobreviver né, outra coisa também que motiva é a questão da moda, o colega tem um tênis que custa uma coisa de 50 mil frango cfa, tô a falar da nossa realidade guineense, aí eu querendo ter mas não tenho dinheiro, vou roubar para poder arranjar roupas e sapatos, para estar como ele e outra motivação é a instabilidade política vigente no país influencia muito a onda da criminalidade.

#### A ver de estudante **Bairro de Ajuda, estudante de Letras:**

Tomando em conta o que é mais dito na sociedade guineense em tudo que tem a ver a delinquência juvenil, basta começarmos a falar da mesma, começamos logo a ver muitos aspetos, não cumprimentos dos deveres do Estado ou por outras palavras ausência da mesma face a política da juventude. Imagine um País em que a greve na educação é constante, os jovens praticamente não frequentam as escolas, muitos fazem a questão de aderir as bancadas, é frequente nos bairros, devido a esta situação, já que não tem escolas para ir, não tem como estar num centro de formação, acabam fazendo coisas menos boas, tipo aderir a esses movimentos afim de resolverem as suas necessidades. Os problemas políticos, acabam de certa forma por afetar a sociedade em termos social e econômica. (Entrevista)

#### Segundo ela ainda a mídia internacional influencia muito, uma vez que:

A maior parte da população é analfabeta, a sociedade guineense depara com esse problema é um desafio, portanto tendo uma sociedade assim, com essa evolução, é claro que incentiva a violência, porque com falta da educação a pessoa assistindo, não consegue separar aquilo que é bom ou mau, acaba aproveitando tudo. Chegou uma altura que estava a passar uma novela da rede Record, dito REBELDES as meninas assistiam, de lá começou a surgir vários grupos com o mesmo nome, mas só que os membros eram crianças e que tornaram rebeldes, começaram a desobedecer aos pais enquanto que os rapazes criam grupos de assaltos a mão armada e roubo, guerra entre os mesmos e muitos foram esfaqueados. Esses programas de certo modo acabam influenciando. (Entrevista)

O homem atual, no espaço social de interesse, se liberta daquilo que o mantém com as tradições e se torna legitimamente independente, sendo a internalização do que é possibilitado escolher entre a conduta e a desobediência. Pondera que, se a sociedade não consegue controlar a repressão através do autodomínio que as pessoas operam sobre si mesmas, o trabalho da polícia torna-se imaginária e improvável, porque a polícia só pode trabalhar onde o crime é presente. Destaca-se que, quando a infração deixa de ser desvio e passa a ser parte do

<sup>8</sup> Erva usada para o consumo, tipo maconha.



comportamento normalizado, o agente policial passa a envolver no crime e também vai torná-lo como algo normal (MISSE 2006 *apud* MELO,2009). No meio de utopias e decepções, o jovem transgressor faz, arbitrariamente, “justiça” por si mesmo. Tal jovem está na procura de conexão, de reconhecimento, de tentar encontrar a todo custo, um espaço na comunidade, uma comunidade que garante por tantas vezes um espaço inacessível (MELO, 2009).

Certas características dos meios urbanos, como extensão, proporção e diversidade do seu habitante, contribuíam na prática de ações criminosas, no entanto motivam os moldes de controle social e de modo consequente as possibilidades para a realização de crimes. O número dos indivíduos de uma urbe influencia a vida social, tendo em vista que quanto maior o número de habitantes, maior a frequência de contatos entre desconhecidos e maiores possibilidades se ocasionam para ato de furtos, roubos e agressões. Também nível de desigualdades sociais, econômicas, étnicas e etárias entre os indivíduos que moram numa cidade, em outras palavras, nível dos desempenhos económicos desenvolvidos, é um componente potencializador de ações criminosas (ESTEVES, 1999 *apud* BARATA, 2008). Exemplo disso é a capital Bissau sendo espaço em análise. Só que não se pretende com isto dizer que estes fatores são determinantes, mas sim mostrar que têm influenciado as práticas ilícitas entre os quais: assalto à mão armada e roubo.

No que diz respeito a problemática violência urbana, Barata (2008) afirma que aparece transversalmente das convicções sociais, culturais, econômicas, políticas e morais de cada comunidade. Primeiramente, por meio da alusão ao mundo da sociabilização primária e secundária. O universo homogêneo em primeiro lugar transfigurado mais tarde para heterogêneo. O desenrolar ou sobreposição primária – secundário, é repetidamente colocado em questão pelo ato socializador muito prematuro de meios sociais diferenciado do meio familiar ou de atores estranhos ao meio familiar (BERGER; LUCKMAN, 1999, *apud* BARATA, 2008). Nesta senda do meio familiar, a conduta e meio ou seja, ambiente familiares exercem grandes influências no que tange à forma de ser do indivíduo, entretanto podem propiciar o seu hábito a curto, médio e longo prazo. Portanto, ambientes familiares onde reina a violência, de grande restrição social, onde não existe emprego, a habitação é precária e o desentendimento conjugal são permanentes, contribuíam de certo modo para a marginalização da acriançada e de futura delinquência e criminalidade (ESTEVES, 1999: 28 *apud* BARATA, 2008).

Em conformidade Bandim, estudante de Engenharia de Energias diz que:

Existem muitos motivos no meu ponto de vista que leva os jovens a entrarem nessa vida, entre os quais, falta de informação, dos pais sentarem com os filhos e mostrar o melhor caminho a seguir, não há essa ligação, essa abertura dos filhos irem falar com

os pais, tirem suas dúvidas, os pais também sentem receio de sentar conosco para falar, falta da sensibilização por parte dos professores e direção da escola, criação duma disciplina que fala sobre o comportamento que devemos ter na sociedade. Lembro-me no meu liceu tínhamos uma disciplina que chamava educação social, mas não sei se existe em todos os liceus, seria muito importante, como os nossos avós nos tempos colonial ou após isso, falavam de formação militante, que essa ajudava-lhes a conhecer não só o partido PAIGC, mas também a como comportarem, por último o nosso governo que não investe muito na sua juventude. (Entrevista).

Praça, coordenadora de departamento de saúde sexual reprodutiva de parlamento nacional infantil fala que:

Posso dizer que praticamente no momento que um jovem não tem nada para fazer ou melhor não tem atividade para preencher o seu cotidiano, praticamente ele começa a pensar noutras coisas, portanto a nossa guiné é muito pequena, temos coisas super vazias no que diz respeito ao emprego jovens e também nosso ensino é muito fraco, e há jovens que gostam de imitar algo. Mídias também influenciam também porque existem pessoas que assistem filmes e telenovelas e tentam pôr em práticas tudo que viram. Diria que falta de afazeres e educação que motivam jovens a aderirem.

Missira, estudante de Engenharia de Energias, expos seu ponto de vista sobre o assunto:

Primeiramente eu posso dizer falta de nível acadêmico é um dos pontos mais focal, segundo ponto falta de oportunidade do emprego. Nível acadêmico é seguinte muito jovens não tem oportunidade de irem à escola para se formarem. Falta de emprego, as vezes se vê jovem com a formação, mas não consegue o emprego. Posso procurar o emprego mas se não tiver uma pessoa na instituição para me ajudar, não vou conseguir. De certo modo posso dizer que não se faz concurso público para concorrer a uma vaga de emprego, você precisa ter família na instituição, aí essa pratica motiva muito os jovens que não tem essa oportunidade a entrarem no mundo da criminalidade.

Outra estudante de Humanidades, Quelele contribui:

Ao meu ponto de vista posso destacar muitas coisas, entre os quais tem a ver: primeiro a marginalidade, tem sempre alguns jovens que se sentem marginalizados, que a sociedade exclui, que os pais abandonam ou que o próprio estado não interessa deles e esses jovens se sentem marginalizados dentro da sociedade e operam desse jeito, qualquer coisa forma um tipo de bando e vão atacar para puderem sustentar as suas necessidades. Segundo ponto é falta de emprego eu acho, porque qualquer jovem que tem ocupação, pelo menos um pouco do tempo ocupado, não tem tempo para planejar um assalto, ou qualquer ação da criminalidade, mas jovem que fica em casa sem algo para fazer ou porque não é dado qualquer tarefa tem a probabilidade de ir assaltar.

Já Pefine, estudante de Humanidades, salienta que:

Bem, para mim, eu acho que a motivação ou a razão principal é falta de querer encarar a vida com responsabilidade, porque qualquer jovem tendo já uma visão para o futuro, essa deveria percorrer outra via, estudar ou trabalhar. Para mim acho que não é problema da pobreza ou a família não tem meios financeiros para colocar o indivíduo numa escola, porque pessoas que eu conheço do meu bairro que praticam assaltos e roubos têm meios mais que eu, acho que é porque querem mesmo, um que é muito amigo, o pai trabalha e recebe bem, mas ele rouba para puder satisfazer as necessidades da rua, julgo que não é por falta da condição é um vício que estão adotando para afirmação ou para sustentar os seus vícios.

Os jovens são outro elemento essencial para possibilitar que este fato social aconteça, as suas fraquezas materializadas nos processos de socialização pautados por uma sociabilidade

violenta<sup>9</sup>, as agressões socializantes a que estão dependentes e as diferenciação sociais, construídas e reconhecidas por mesmos, contribuem de uma forma associada para os problemas interpessoais de valores empiricamente constituídos pelo corpo social. Contudo, a droga é também uma grande preocupação, termina sobretudo com as ações violentas e com a atitude tanto do consumidor assim como do vendedor. Ao afirmar que com a droga aumenta a violência de urbes, aparecem importantes agitações na sociedade, na qual torna visivelmente como um princípio moral (PAIS,1993 *apud* BARATA, 2008). O indivíduo se estimula com base nas insatisfações que o mundo moderno cria nele ou lhe mostra, no qual a mídia internacional propaga mesmo sendo de longe as imagens da felicidade à moda ocidental, em que aquisição dos bens materiais e culturais torna no nosso dia-dia uma atração, visto nos programas televisivos, ou evidente ou nítido nos expositores do shopping, (WIEVIORKA, 1997).

Todavia, outros motivos esclarecedores do constrangimento da comunidade são: o progresso de urbes tumultuário, a favelização de uma localidade, a deterioração dos ininterruptos problemas econômicos, compacto disparidade de repartição de ganhos etc. (GOMES, 2005 *apud* CÉSAR; ALBERTO, 2008).

No universo da consumição, da aparência, os convívios comunitários se embasam na exterioridade, as conveniências são estabelecidas através das relações sociais, nasce-se a vontade sociável, os incessantes desencantamentos são contrário da vontade, em algumas situações um estímulo para a prática da selvajaria e para delinquência. A miséria auxilia a prática de selvajaria , não obstante, que o desprovido seja maléfico, porém ele é obrigado a ser assim devido a sua condição de não possuir, por encontrar-se distanciado duma formação qualificada, de riqueza que lhe permite consumir, obrigados a corresponder com fundamento da perversidade de ‘quitanda’ de ‘deter’, por outras palavras, conduz-se em visibilidade as pretensões instituídas culturalmente bem como as capacidades reais arquitetado socialmente com intuito de fazer realizar esses desejos, na direção da procura pelo aprazimento e para ser diferenciado (ESPINHEIRA, 2004 *apud* CÉSAR; ALBERTO, 2008).

Nesse sentido, os três eminentes pressupostos que possibilita ocorrência da infração e das transgressões estão relacionados com: a escolha da pessoa pela atrocidade; razões fundamentais entre os quais (econômicas, comunitárias, governamentais e educacionais); insolvência, ou seja, falha das organizações comunitárias e das regras, como afirma (CÉSAR; ALBERTO, 2008).

---

<sup>9</sup> O termo sociabilidade violenta foi cunhado pelo professor e pesquisador Luiz Antonio Machado Silva e diz respeito as formas de viver em que as múltiplas formas de violência são parte constituintes desse processo. Ver (silva, 2004)

Numa comunidade que recusa diversas maneiras de reconhecimento, tal como desporto, arte, emprego, a educação etc., subsequentemente contribui-se perante alguma etapa nova, encanto pelos meninos, da consagração das ações de criminalidade, da sua aceitação tal como hábito e como maneira de elevação societária. O país se esconde em relação à comunidade, permitindo assim que muitas transgressões “deixem de ser reprimido”, aparece uma altura no qual a comunidade habitua-se, vulgariza a brutalidade, botando a incumbência no assunto econômico por estes deslizes, estimulando um procedimento de aceite da violação e sucessivamente um “país de paralisia”, em que a infração ou múltiplas infração sejam reconhecidos como algo natural (GOMES 2007 *apud* CÉSAR; ALBERTO, 2008).

“As sociedades em determinados contextos produzem metas culturais, que representam valores a serem alcançados pelos indivíduos”, nomeadamente, riqueza, popularidade, êxito profissional, condecoração, consideração, entre outras coisas. “Em contrapartida, as sociedades produtoras de metas desenvolvem mecanismos institucionais para se alcança-las”. Teoricamente todo mundo desfrutaria a mesma possibilidade ou seja em termos teóricos todos teriam as mesmas oportunidades e prerrogativas na busca de puder alcançar ou obter esses “desejos” socialmente idealizada, contudo os corpos sociais (sociedades) no campo das convivências do dia-dia se organizam de tal maneira que impossibilitam que maior número de indivíduos alcancem a meta, por consequência, aparece aquilo que podemos denominar de deslizes de conduta, mecanismos apresentados ou desenvolvidos pelas pessoas ou grupos, com o intuito de alcançar os fins ou seja metas<sup>10</sup> socialmente estabelecidas superando as barreiras institucionais impostos como constata (MERTON 1949 *apud* CÉSAR; ALBERTO, 2008, p.110). Estamos inseridos numa sociedade que nos educa a consumir e mais, o nosso reconhecimento depende do que consumimos, sendo assim, há pessoas que não conseguem de forma licita ganhar o dinheiro para satisfazerem essas exigências impostas pela mesma daí acabam por optarem pela violência.

A classificação das pessoas em “classes sociais”, o ato de classificar e ser classificado e as formas e padrões de ocupação por renda das populações na cidade moderna evidenciam um processo de segregação e de exclusão, que contribui para o estabelecimento de uma cultura de violência e de crime como ethos social contemporâneo (SOARES, 2004, p.4, *apud* CÉSAR; ALBERTO, p.112).

Entretanto vale ressaltar que a violência não é exclusiva a pobreza, a escassez de ferramentas populares, das atividades básicas, todavia essas são razões que fomentam suas demonstrações, consoante a explicação de (ZALUAR, 2006 *apud* CÉSAR; ALBERTO, 2008).

---

<sup>10</sup> As metas se referem os valores a serem alcançados: fama, dinheiro etc.

O que de certo modo pode motivar ou não atitude, por outra palavra ações violentas são repartição dos rendimentos ou extravios do progresso e problemas econômicos, assim como entendimento de *disempowerment*<sup>11</sup>, mas não o crescimento ou ausência dele que auxilia a violência comunitária praticada pelo jovem (ROQUE; CARDOSO, 2008).

### 3.2. CIDADE E O MEDO: RELATO DE ASSALTO E ROUBO

Na cidade de Bissau houve algumas mudanças em termos cultural, político e social. A título de exemplo: depois do termino da guerra civil de 1998, com a retomada do regime Democrático, experimentamos várias transformações em termos comportamentais influenciada pelos fatores nacional e transnacional. Essa ideia será reforçada em baixo através dos entrevistados. A partir de 2009 surgiram no capital Bissau em alguns bairros vários grupos entre os quais: *Al-Qaeda*, pertencente aos jovens de Mindara e Bandim; *G- Unit* e *mon Black* pertencem aos jovens de Bairro de Ajuda; Atlanta, jovens de bairro Belém e Cuntum. Estes grupos perpetram assalto, roubo e até brigam entre si com intuito de procurar afirmação perante a sociedade, por outra palavra demonstrar a “*Matchundadi*<sup>12</sup>”. Bissau é uma cidade onde está centralizada todos os poderes do Estado, ou seja, as instituições do Estado e tanto instituições privadas de grandes portes. Para estudar a partir dos níveis superiores ou trabalhar, a pessoa precisa deslocar até capital, o que sem dúvidas provoca êxodo rural, pessoas saindo do interior a procura das melhores condições de vida na capital. Há um número crescente dos cidadãos dos outros países do qual temos fronteiras e não só, também os que escolheram a cidade para realizarem os seus negócios. Coloquei esses fatos ou acontecimentos para demonstrar que a cidade não é a mesma. Para ilustrar melhor coloca-se a mapa de Bissau destacando esses Bairros:

---

<sup>11</sup> Falta de poder

<sup>12</sup> Palavra utilizada para caracterizar indivíduo que gosta de agir ou faz tudo com base ou seja utilização da força.

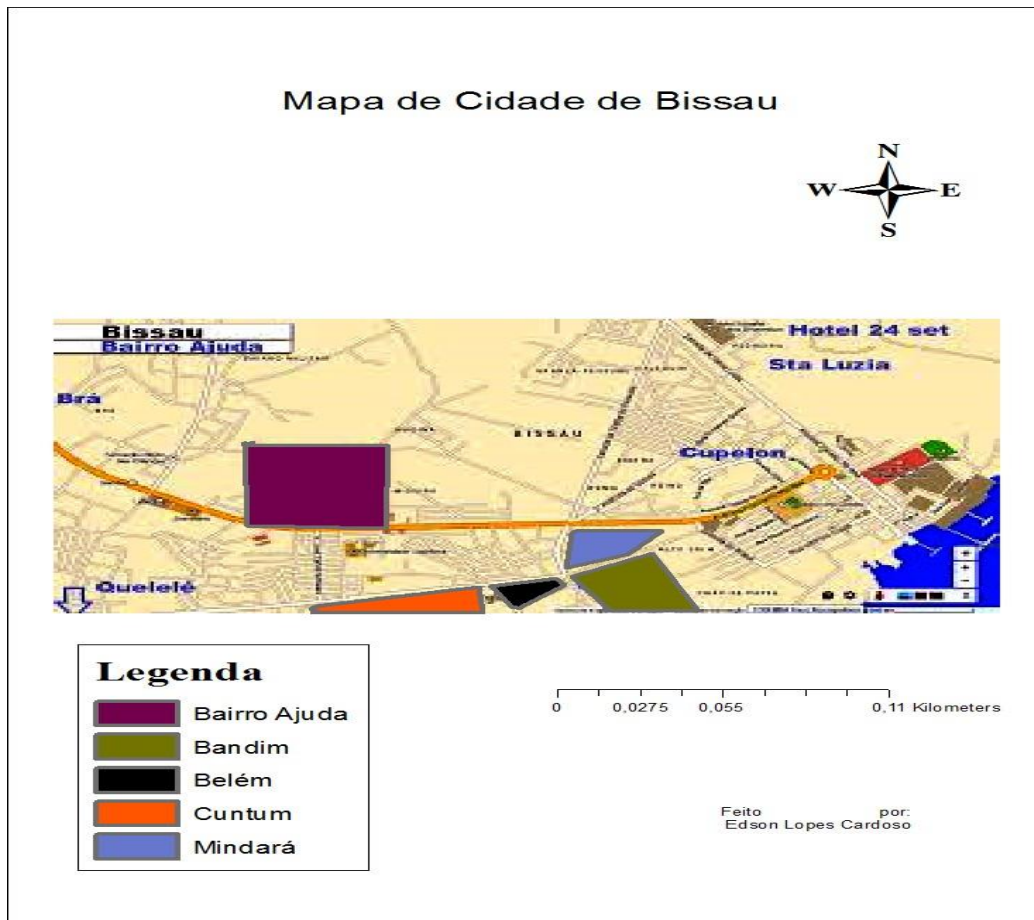


Figura 2. Mapa de cidade de Bissau

Fonte: Imagem do Google modificado pelo meu amigo Edson Lopes Cardoso.

No entendimento de Wallerstein (1995 *apud* MALOA, 2012) pode-se denominar pela transformação social quando o sistema histórico preexistente é sucedido por um sistema histórico distinto, entretanto não se trata de transformação social se a alteração ocorrida seja pelo mesmo tipo de sistema histórico. A transformação social fundamenta-se em alternâncias notórias e verificáveis em pouca duração. Ao falarmos de transformação social, possuímos em mente coisa que se materializa transcorrido algum período, em outras palavras, estamos enfrentando por meio de discrepância a meio daquilo que pode ser constatado previamente, o que olhamos posteriormente (SZTOMPKA, 2005 *apud* MALOA, 2012). A definição de transformação social está relacionada a um fato palpável, capaz de achado histórico-temporal (ROCHER, 1989 *apud* MALOA, 2012).

Para demonstração desta mudança social ocorrente no que diz respeito ao assalto a mão armada e roubo, fala-se de algumas notícias dos jornais mesclando com as falas dos entrevistados. De acordo com a notícia publicada no dia 28 de fevereiro de 2014, pelo jornal o Diário de notícias (2014),

A Polícia Judiciária da Guiné-Bissau comunicou o encarceramento de 13 acusados de comprometimento em assaltos à mão armada efetuados na cidade Bissau. Os encarcerados com idades compreendida entre 20 a 27 anos, respectivamente guineenses de naturalidade, porém mantêm-se sob custódia de PJ para posteriormente sejam ouvidos pelo Ministério Público. Os acusados praticavam assaltos em equipe formados em vários subúrbios da cidade como afirmou João Alexandre superintendente de PJ, numa conversa com os jornalistas. No decorrer da ação que culminou com encarceramento, agente policial deteve armas brancas e conseguiu resgatar objeto furtado, completou. Aparelho elétrico de uso doméstico, celulares, computadores e um carro da qual os acusados movimentavam para praticar os assaltos, constituem os objetos apanhado, ou seja, capturado (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2014).

Por seu turno, o Comissário Nacional da Polícia da Ordem Pública, Armando Nhaga confessou dia 29 de março de 2016, que assalto à mão armada atingiu um grau elevado devido o cenário preocupante em que o país se encontra. Numa declaração ao jornal O Democrata no que tange às ações conjuntas desencadeadas entre a Polícia da Ordem Pública (POP) e a Polícia Judiciária (PJ) e a exibição em público de cinco jovens, presumidos invasores da Agência *Orabank*<sup>13</sup>. O Comissário caracterizou a facção perante vigilância policial aproximadamente um dos mais violentos e exclusiva em atividade na capital Bissau no que diz respeito ao assalto à mão armada. Segundo ele, ainda, estes bandidos são os mais temerários e habilidosos ora utilizam as armas que por vezes os policias nem sequer adquirem, portanto, vamos persistir no expediente com o objetivo de extinguir todos os abrigos dos bandidos sem restrição, partindo dos menores a mais ousados tal como estes que prendemos. Depois do ocorrido da agencia bancaria *Orabank*, Nhaga repisou a firmeza dos dirigentes policiais em derrotar, por outras palavras extinguir a criminalidade na integra numa forma organizada através de POP, PJ, Guarda Nacional e as Forças Armadas, colocando ponto final no assalto à mão armada, outra natureza de crimes em todo o país.

Para o Diretor Adjunto da PJ, Fernando Jorge Barreto, é imprescindível realizar um trabalho solido entre Ministério Público e tribunais com o propósito de os presumidos bandidos que já estiveram encarcerados mais que cinco vezes nos estabelecimentos da PJ e Segunda Esquadra fossem dados encaminhamentos adequados no sentido de não colocar em risco o árduo inquérito dos agentes. Barreto mostrou a sua insatisfação em relação ao tribunal onde afirma que no momento em que se realiza aprisionamento dos bandidos por seus agentes, o

---

<sup>13</sup> Instituição bancaria situada na capital Bissau, avenida Pansau Na Isna.

tribunal se importa preferentemente em requisitar automóvel e armas usadas “em detrimento dos próprios” bandidos, contudo seguidamente são soltos, entretanto objetos em tempo algum se constata se são apoderados e quem o apoderou. Nesta ocasião, foram ouvidos os bandidos, ou seja, os assaltantes capturados onde os mesmos admitiram que foram ligados pelo líder da facção e optaram por envolver na execução do assalto com a intenção de conseguir alimento para suas famílias. Agiram com armas de fogo, arma branca, revólveres e dentre outros instrumentos. Todos são jovens de 25 a 27 anos respetivamente.

Em consonância ao roubo, o presidente da Associação dos Retalhistas dos Mercados da Guiné-Bissau, Aliu Seidi em declarações à imprensa, no que diz respeito escassez do açúcar nos mercados tudo porque a república do Senegal fechou a sua fronteira com a Gâmbia, país de trânsito deste produto importado, este dirigente aproveitando está circunstância , revelou as manias de pilhagens e ataques que acontecem ultimamente no Mercado de Bandim, descrevendo que três lojas experimentaram ataques a mão armada durante o dia , no entanto até no momento os presumidos não foram apresentados (O DEMOCRATA,2016).

No que diz respeito às falas dos estudantes, perguntados sobre:

**Já sofreu assalto ou roubo? Para além de você algum membro da sua família sofreu?  
Para além de te e da sua família conhece alguém que sofreu?**

Antula, estudante de ciências biológicas, disse:

Já, uma vez fui assaltada no bairro de Ajuda em 2014 e foi no dia 24 de setembro, eu estava na estrada para pegar o carro, eu e a minha amiga fomos assaltadas tiraram as nossas bolsas e também na minha casa duas vezes. **Só para precisar, aconteceu quando?** Como já disse em minha casa, nos assaltaram duas vezes, a primeira aconteceu dia de natal, mas não me lembro direito o ano, mas era entre 2014 e 2015.

Para Luanda, estudante de Humanidades:

Pelo menos eu nunca fui, mas tenho colegas que já passaram por isso. Sim, me lembro de um primo meu, que saiu de Quinhamel a Bissau para estudar, numa tarde ele estava a repousar, em 2006, alguém passou e recuperou o celular dele”. **Já Tchada, estudante de Humanidades, disse que já foi assaltado:** sim fomos assaltados duas vezes na nossa casa, onde os ladrões levaram fogão de gás, roupas e sapatos. Naquele dia nós estávamos a fazer festa na nossa bancada, esquecemos de fechar a porta e com o meu amigo aconteceu várias vezes. **Mindara, estudante de Humanidades,** salientou que: graças a deus nunca aconteceu comigo e tanto a minha família, mas a minha vizinha já foi, foram lá na casa dela a noite e ela esqueceu de fechar o portão, os ladrões chegaram e roubaram quase tudo, levaram roupas dela e objetos que ela tinha em casa.



Já para Belém, estudante de Humanidades:

Nunca fui assaltada, mas a minha mãe foi, no bairro de Ajuda 2ª fase, entrada de Soares da Costa, entrada de cibe ao lado de *Lenox*<sup>14</sup>, pegou o meu irmãozinho e estava com a minha tia, o ladrão chegou e colocou suas mãos nos olhos dela, disse que pensava que era uma pessoa conhecida, ladrão puxou colar que ela tinha na garganta e correu. Foi no ano 2006.

Para Bairro de Ajuda, estudante de Letras:

Não, felizmente nunca digo graças a deus, mas pessoas bem próximas, amigas e alguns familiares já sofreram. Último que soube foi duma colega da radio Pinjiguite, ela foi fazer uma reportagem, depois voltou para radio, redigir artigo e ao voltar para casa, foi assaltada na estrada por duas meninas e dois meninos. As meninas chamaram-lhe e os rapazes agrediram-na, levaram a bolsa que tinha e alguns pertences, (pen drive, celular, dinheiro, computador). Ocorrido foi no ano 2014, são coisas que acontecem quase todos os dias nas ruas dos bairros periféricos do capital.

Bandim, estudante de Engenharia de Energias, disse que:

Já, e espero que não aconteça mais. Foi uma vez fomos passear no carnaval do ano 2013, eu e a minha prima, estávamos a voltar para casa, fomos abordados por algumas pessoas, por acaso eram jovens, não conseguiram levar nada meu porque eu não tinha nada de momento, nem celular, mas a minha prima estava com dinheiro na mão e mais dois celulares. E foi assustadora, fiquei com medo. O que lamentei foi porque foram jovens de idades compreendida entre 15, 17 e 18 anos. Naquela hora deveriam estar a divertir com os colegas ou discutir algum tema da escola invés de estarem a roubar. Ouvi muita história de muita gente, de que aconteceu o assalto, não só na rua, no mercado, mas também dentro da casa. Estou aqui menos de um mês, mas antes de vir cá, estava acontecendo algumas coisas que desde que eu nasci nunca ouvi falar disso, de as pessoas irem a casa de outra com arma de fogo para assaltar, bater em alguém e roubar tudo. Uma vez houve tiroteio entre agente da polícia e ladrões. Também fomos assaltadas na nossa casa, conseguiram levar dinheiro e celulares.

Cuntum Madina, estudante de Administração diz que:

Não sofri graças a Deus, mas muitas pessoas da minha família sofreram, a três anos atrás, e a minha avó sofreu recentemente o roubo no mercado de Bandim onde acontecem muitos roubos e assaltos, minha avó sofreu várias vezes, meus amigos e amigas na praça concretamente no império, ultimamente há policia pelas ruas mas mesmo assim assaltam muito, por exemplo: as meninas não podiam andar sozinhas sobretudo quando tem algo que chamam atenção (uma mala, uma carteira) todas as práticas que falei aconteceram quase nos finais do ano 2013 e 2014.

Praça, coordenadora de departamento de saúde sexual e reprodutiva de Parlamento

Nacional Infantil, ressaltou que:

Felizmente nunca, não sofri e nem a minha família. Conheço muitas pessoas que sofreram assalto e até foram apunhalados é um pouco duro, minhas amigas de escolas. Existem alguns grupos, um chamado “escomé “ praticam atos ilícitos: assaltos a mão armada e até guerras entre grupos com catanas e pistolas.

**Missira, estudante de Engenharia de Energias**, falou que: não sofri e nem membro da minha família pelo que eu saiba. Eu conheço um colega de bairro de Quelele, ele me informou que um dia ele foi para a escola, estudava a noite ao sair naquele dia foi abordado por algumas pessoas que roubaram o celular e a carteira dele no Bairro de Mindara.

<sup>14</sup> Espaço de convivência, ou seja, de realização de atividade lúdica.

Quelele, estudante de Humanidades:

Sim, onde eu morava, sofremos assalto várias vezes, entraram em casa, roubaram os celulares, dinheiros e joias da minha irmã. Não conseguimos detectá-los porque era a noite, nós já dormimos, chegaram e abriram a porta sem que ninguém percebesse, foi em 2013, no Bairro militar. Depois mudamos para o Aeroporto ali dificilmente as pessoas roubam nas casas, mas existe assaltos e roubos dos celulares. Tenho muitos amigos que queixaram que foram assaltados e roubados de vez enquanto, recentemente uma amiga minha perdeu um computador, roubaram o e ameaçaram-lhe com a pistola. Além da pessoa próxima a mim, ultimamente acompanho informação pela rádio e televisão, sempre há ocorrência do assalto, as pessoas atacam os bancos, instituições e os comerciantes principalmente estrangeiros que vendem nas ruas, essas zonas atacadas são consideradas zonas que tem menos segurança. Houve sempre assalto, principalmente narres cidadãos de Maurítânia que vendem nas tabernas, sempre são atacados a noite pelas pessoas desconhecidas, levam dinheiros até cartão de recarga do celular.

Pefine, estudante de Humanidades:

Pessoalmente não, mas na família já sofremos. Um amigo meu sofreu assalto a mão armada, numa noite ele estava saindo da universidade lusófona, aí ele foi abordado por três rapazes, segundo ele esfaquearam-lhe e foi socorrido por uma pessoa que estava de passagem. O irmão dele foi à delegacia para registrar o ocorrido e foi para agência de telecomunicação para bloquear o celular, mas não surtiu o efeito, pessoas não foram encontradas também. Roubo é mais individual, basicamente tendo em conta o que acompanhei, agora assalto a mão armada é feito em grupo. Exemplo: no meu bairro assaltaram uma loja, levaram tudo que o comerciante tinha, o mesmo levou tiro numa das pernas, se não me engano aconteceu no ano 2014 ou 2015.

No capital Bissau, aplicação de ferros nas portas e nas janelas de residências, crescente número de vigilante na representação estrangeira (embaixada), lares de estranho etc., demonstram que a urbe deixou de estar da mesma em relação alguns tempos atrás. Assim como o crescimento de mostras concretas de bens (lares, viaturas) revelam que permanecem atividades rentáveis no País, apesar de que não seja viável caracterizá-las. A fim de compreender se a esta mostra equivale verdadeiramente um cenário de sucessiva insegurança, teremos que acreditar nos depoimentos e pesquisa qualitativa. Os entendimentos sobre criminalidade percepções da criminalidade vão na direção de um crescimento evolutivo, no entanto não destruidor ou estruturado. Todavia, coopera para o crescimento de monte de instituições de seguridade, levando em conta os indivíduos que podem contratar os seus negócios. No entanto, há enorme intranquilidade no meio familiar e em lugares apontados geralmente de “segurança” arredores, e sociedade e entidades públicas (ROQUE; CARDOSO,2008).

O medo, principalmente o de andar à noite, transformou-se em “drama social” em que a sociedade se desnuda em seus fragmentos e põe à mostra sua complexidade não visível a olho nu: múltiplos cenários, em que diferentes atores participam, com suas forças e suas falas. Este drama social envolve atores situados de modo diferente na arena da vida coletiva (TURNER *apud* MALOA, 2012, p.17). As imagens de pureza são substituídas pelas do perigo permanente e iminente. O sentimento de terror passou a ser “o nosso pão de cada dia”. O medo e a insegurança, são relatados para explicar

“ a nostalgia de uma cidade que se perdeu no tempo”. Mesmo que nem todos se expressem de forma tão dramática, há na cidade um sentimento generalizado de que a urbe deixou de ser a mesma e que os jovens também deixaram de serem os mesmos (ADORNO, 1991b, *apud* MALOA,2012, p.17-18).

Todos esses relatos nos mostra a crescente onda da violência na cidade de Bissau, que passa o mexer profundamente com o sentimento do medo na sociedade, medo de andar na rua para não ser assalto ou roubado. Segundo Bauman, (1998 *apud* CÉSAR; ALBERTO, 2008), o medo espalhado da violência constitui-a bem como problema de disciplina. Para ele, indaga-se em todos os setores da sociedade a existência e a obrigação do Governo no tocante a luta contra a violência.

Por causa de marginalização presentes nas cidades “o medo e a insegurança” durante os anos acabaram por figurar no dia a dia das pessoas que lá vivem, portanto, as classes sociais desprotegidas ou seja vulneráveis tais como “o estado, a política, a economia e as instituições, não conseguem fazer face à problemática”. A desigualdade social e a persistente atividade da estrutura “produtivo social” permanecem em forma vertical desta proporção efetiva. Por consequência, o pânico e a tristeza diária aumentam visivelmente, em contrapartida o controle do pavor compromete-se a com as indisciplinas no espaço de convivência social, em compensação, as desintegrações dos grupos seguros ocasionam numa metodológica distanciamento habitacional. Numa esfera de várias incertezas acerca de violência urbana bem como a marca de desaprovação, moradores de urbes demonstram vários sentimentos de inquietação como maneira contextualizada de descrença relativamente a proteção comunitária e justiça pública. (BARATA ,2008, p.9).

#### 4. O PAPEL DO ESTADO E DA SOCIEDADE CIVIL NO COMBATE À CRIMINALIDADE EM BISSAU

##### 4.1. POLÍTICA DO ESTADO E DA SOCIEDADE CIVIL PARA DIMINUIÇÃO DO FENOMENO DA CRIMINALIDADE

Nesta sessão, pretende-se demonstrar a partir das falas dos nossos interlocutores o que o Estado, através do Governo de Guiné-Bissau produz em termos de políticas públicas no combate à criminalidade no país. Pretende-se também discutir o papel da sociedade civil na luta contra tal fenómeno. Sobre o governo de Guiné-Bissau, é importante salientar que sua designação segue a Constituição da República alterada pela Lei Constitucional nº 1/96 B.O de dezembro de 1996, p.27. Em seu capítulo V, artigo 96º do governo, no seu primeiro e segundo ponto respetivamente diz: “o Governo é órgão executivo e administrativo supremo da República; O Governo conduz a política geral do País de acordo com o seu Programa, aprovado pela Assembleia Nacional Popular”, e a Sociedade Civil através dos movimentos juvenis RENAJ (Rede nacional das Associações juvenis), CNJ (Conselho Nacional da Juventude) e FNJP (Fórum Nacional de Juventude e População) sendo os mais conhecidos ou mais próximos dos jovens, têm feito (suas ações) para a prevenção e diminuição da criminalidade, como por exemplo, assalto a mão armada e roubo. Mas antes de entrar no conteúdo proposto, faz-se necessário debruçar sobre os conceitos de Estado e Sociedade Civil.

A partir do momento que os juristas passaram a tomar conta do problema do Estado, o mesmo tem sido determinado por intermédio de três componentes, ou seja, elementos constitutivos: o povo, o território e a soberania “(conceito jurídico por excelência, elaborado por legistas e universalmente aceito pelos escritores de direito público)”. Para mencionar um conceito vigente e conceituado, o Estado é um ordenamento jurídico designado a desempenhar o poder supremo em relação a um dado país, ao qual encontra-se infalivelmente subordinados as pessoas que ali habitam (MORTATI, 1969 *apud* BOBBIO, 1987). No que diz respeito à perspectiva de um conceito formal e instrumental, exigência imprescindível e aceitável para que haja um Estado é que sobre um território estabelecido se tenha constituído um poder em disposição, por outras palavras, condições de tomar providencias e emanar os comandos correspondentes, “vinculatórios para todos aqueles que vivem naquele território e efetivamente cumpridos pela grande maioria dos destinatários na maioria parte dos casos em que obediência é requisitada” (BOBBIO, 1987, p.95).

Para Fernandes (*apud* CARVALHO 2014, p.45), o Estado é uma entidade pública “equipada e destinada a manter a organização política de um povo, interna e externamente”.

Portanto, vale lembrar que o Estado já foi acentuado como a entidade das entidades. Como estrutura organizada de poder e ação, o Estado tem obrigação de garantir entre os indivíduos um convívio de maneira agradável e segura, principalmente a de preservar a paz e a “segurança jurídicas” (ZIPPELIUS, 1997, p.68 *apud* CARVALHO, 2014, p.45).

Enquanto que a base constitucional da sociedade civil é constituída por associações e organizações livres, não estatais e não econômicas, a qual ancoram as estruturas de comunicação da esfera pública nos elementos sociais do universo da vida. A mesma (sociedade civil) alberga movimentos, organizações e associações, os quais apreendem os ecos dos problemas sociais que repercutem nos domínios privados, condensam-nos e os difundem, a seguir, para a esfera pública política. Deste modo, a sua base forma uma espécie de associação que institucionaliza as falas ou discursos “capazes de solucionar problemas, transformando-os em questões de interesse geral no quadro de esferas públicas” (HABERMAS, 1997, p.99).

A sociedade civil é um campo de convivências entre pessoas, grupos e classes, localizada fora das relações de poder que definem as entidades ou instituições estatais, desta maneira, é na sociedade civil que acontecem problemas para o Estado gerir (SANTOS, 1998). Para Garrisson (*apud* PINHEIRO s.d p.86) a sociedade civil diria respeito, “ao vasto setor não-governamental, formado por associações comunitárias, movimentos sociais, ONGs, entidades beneficentes, associações profissionais, igrejas e fundações de empresas”.

Em suma, segundo o entendimento de Pereira (1995), Estado é a estrutura institucional e política, resultado de um acordo formal, em outras palavras, de um contrato político que assegura autenticidade ao governo, enquanto que a sociedade civil é formada pelas classes sociais e associações, que possui um acesso especificado ao poder político. Analisando as definições dos autores, percebe-se que o Estado é uma representação do povo, ou seja, é uma entidade onde algumas pessoas são delegadas com intuito de manter o bem-estar, política social e econômica de um país. É uma instituição que tem por dever, manter a tranquilidade e uma convivência frutífera entre os seus cidadãos. Enquanto que a sociedade civil se compõe de organizações sociais ou movimentos sociais independentes ou autônomos que de certa maneira pode ajudar na resolução de problemas existentes. Nesta ótica, entende-se que, as duas entidades devem se unir para fazer face a este problema social, a criminalidade, através das ações concretas, pois, como afirma Beato Filho (1999, p.25) o crime é algo bastante sério a fim de ser deixado exclusivamente sob a responsabilidade de “policiais, advogados ou juizes”, uma vez que, abarca aspectos que demandam “a combinação de várias instâncias sob o encargo do Estado e, sobretudo, a mobilização de forças importantes na sociedade”. O Estado precisa estimular entidades que operam nos campos “da saúde, educação, assistência social”,

delineamento urbano e, conseqüentemente, de seguridade. Para Espinheira (2008, p.263) “os movimentos sociais devem ser estimulados à participação pública e cabe ao Estado governar com a sociedade”. É esta a via contemporânea para uma sociedade tranquila e democrática, compreensiva e livre.

No tocante aos nossos interlocutores, perguntados se existe por parte do Estado através do Governo e da sociedade civil uma política, ou seja, algumas ações para diminuição da criminalidade. Em relação ao Estado:

**Cuntum Madina, estudante de Administração Pública**, afirma, por parte do governo é muito pouco.

**Bandim estudante de Engenharia de Energia**, o país não tem um governo estável, como é que podemos melhorar a condição da infraestruturas escolares em todo o nível, se não temos um governo, quando um começa a trabalhar dois (2), três (3) meses vem outro governo, não se consegue fazer nada. Antes de vir cá estava decorrendo greve na educação e na saúde.

**Praça, coordenadora de departamento de saúde sexual reprodutiva de Parlamento Nacional infantil**, duvido se existe, até pode existir uma ideia que vai ao encontro da questão, mas ainda não. É necessário que as sociedades civis criem uma iniciativa de exigir os governantes no sentido de virarem rostos para os jovens, se não vamos ter uma sociedade cujo valores éticos e morais se encontram desgastados.

**Missira, estudante de engenharia de energias**, não sei dizer por parte do governo.

**Quelele estudante de Humanidades**, sempre existe uma política de contrair o assalto, mas não existe a colaboração da sociedade. Há formação dos jovens “guarda nacional” para contrair, mas devido à falta de condição leva também muitos desses jovens a corrupção.

**Antula estudante de ciências biológicas**, relativamente ao Estado, falam sempre que vão fazer o possível para diminuir, mas, na prática nada.

**Luanda, estudante de Humanidades**, para o governo não sei.

**Belém, estudante de Humanidades**, há, agora fazem patrulhamento nos bairros a noite nas bancadas. Onde eu moro tinha uma escola jogavam dinheiro e fumavam, mas agora não porque os policia costumam passar ali e prendem. **Tchada, estudante de Humanidades**, por parte do governo não vi a fazer.

Enquanto que, em relação à sociedade civil:

**Bairro de Ajuda (nome feitiço) estudante de Letras**, por parte da sociedade civil posso até dizer que sim, porque organizações das sociedades civis fazem trabalhos outrora mais importante que o Estado, estou a referir isto porque trabalhei numa das organizações onde desencadeamos várias atividades dentre elas: formação e sensibilização.

**Cuntum Madina, estudante de Administração Pública**, as organizações não governamentais fazem, por exemplo realizam campanhas de sensibilização e formação dos jovens através das suas atividades.

**Missira, estudante de engenharia de energias**, por parte da sociedade civil existe sempre a sensibilização.

**Antula estudante de ciências biológicas**, em relação a sociedade civil sim, porque fazem as sensibilizações e promove também as formações.

**Luanda, estudante de Humanidades**, para a sociedade civil posso dizer que pode não existir uma política bem definida mas tem, por exemplo Conselho Nacional da Juventude (C.N.J) e tanto como Rede das Associações Nacional da Juventude (RENAJ) realizam as universidades, onde oferecem algumas oficinas e formação dos jovens nos âmbitos da elaboração dos projetos, palestras sobre diversas temáticas e associativismo voluntariado.

**Mindara, estudante de Humanidades**, não sei se existe ou não.

**Belém, estudante de Humanidades**, por parte de ONG, fazem sensibilização.

**Tchada, estudante de Humanidades**, sociedade civil faz sensibilização.

Indagados se existe ou não o patrulhamento, como sendo um dos mecanismos da prevenção da criminalidade, os estudantes afirmam:

**Bairro de Ajuda (nome feitiço) estudante de Letras**, existe, mas é muito raro, na prática parece que não existe.

**Bandim estudante de Engenharia de Energia**, sim existe, mas não posso certificar se acontece todos os dias.

**Cuntum Madina, estudante de Administração Pública**, quase nada, só saiam se for numa quadra festiva.

**Praça, coordenadora de departamento de saúde sexual reprodutiva de Parlamento Nacional infantil**, só nos momentos das festas.

**Quelele estudante de Humanidades**, ultimamente, em Bissau existe sim [...]. Só que, há bairros que não são patrulhados devido à falta da urbanização.

**Luanda, estudante de Humanidades**, podemos dizer que existe, mas da forma que é feito nos bairros, que não é adequado, por exemplo: a viatura da polícia só passa nas estradas, não consegue chegar até nos interiores dos bairros devido a falta da urbanização da cidade.

**Pefine, estudante de Humanidades**, existe e todos os dias no meu bairro, passa guarda nacional ou polícia militar.

**Antula estudante de ciências biológicas**, acontecem de vez enquanto ou por outras palavras, nem sempre.

**Mindara, estudante de Humanidades**, sim em alguns bairros.

**Belém, estudante de Humanidades**, há, agora fazem patrulhamento nos bairros a noite nas bancadas.

**Tchada, estudante de Humanidades**, sim, mas nem sempre, e não é feito também em todos os bairros.

De acordo com a notícia publicada pela rádio *Deutsche Welle* (2017) sob título: Guiné-Bissau sem emprego e políticas públicas para os jovens, afirma que “cerca de 30% dos jovens – quase 600 mil pessoas – estão desempregados, segundo os dados da Organização Internacional do Trabalho, referentes a 2012”. Analisando as falas dos interlocutores e com a notícia supracitada, percebe-se que ainda há um grande desafio para o Estado guineense no tocante às ações que permitam, sobretudo os jovens a livrarem dos atos ilícitos e forma de contenção dos mesmos, tudo porque o país não é estável, as instabilidades políticas continuam agravando economia do país, neste sentido, prejudicando na sua maioria os jovens sendo os principais candidatos para adesão ao mundo do crime devido as suas condições de não ter meios materiais de sobrevivência. Diante de todas as dificuldades que os jovens enfrentam, vale relevar a contribuição dos movimentos juvenis que incansavelmente continuam realizando as palestras, campo de formações e debates nas rádios com intuito de sensibilizar e informar a população sobre os riscos do crime. Portanto, diria que é mais que urgente um diálogo sério e profundo para estabilização do país, porque só assim pode possibilitar a formulação duma política pública de qualidade, que passa pela criação das universidades, escolas técnicas,

empregabilidade dos jovens no mercado do trabalho, e criação dos espaços de lazeres, assim pode-se construir uma sociedade longe das práticas nefastas.

#### 4.2. O QUE DEVE SER FEITO PARA CONTER A CRIMINALIDADE A VER DOS ESTUDANTES

Bissau sendo capital de Guiné-Bissau, um país que desde a tomada de sua independência não conseguiu desgrudar da instabilidade política-militar, ora é golpe de Estado ora é demissão do governo, a inoperância do poder judiciário e a quase inexistência formulação de uma política pública eficaz de prevenção ao crime. Todos estes fatos têm contribuído de forma negativa em todas as esferas e, principalmente, no que toca a manutenção da ordem, ou seja, garantia da segurança, tudo isto vem possibilitando o aumento da criminalidade, por outras palavras, o assalto à mão armada e roubo ganham o espaço na sociedade guineense. Sendo assim, de acordo com objetivo do trabalho que é descrever e analisar as percepções dos estudantes sobre o fenômeno em estudo, traz-se, portanto, as recomendações que os mesmos (jovens estudantes) apontam como mecanismos para conter ou diminuir a criminalidade, fazendo um comparativo com as políticas públicas de segurança adotadas pela Holanda e algumas abordagens feitas por alguns autores sobre as políticas públicas de prevenção do crime, como modelo que, certamente, pode servir para o nosso jovem país.

Para Xavier (2008) a ciência da criminologia contemporânea assinala três tipos de políticas criminais de precaução à violência comum e ao Crime Organizado, entre os quais: a primária, a secundária e a terciária. Relativamente à primária, visa atacar as razões principiantes da criminalidade, em outras palavras, busca ir às origens da contenda criminal. Segundo o autor, “é política social de médio e longo prazo”, entretanto requer aperfeiçoamentos intensos em serviços sociais bem como educação, moradia, emprego, bem-estar, saúde, qualidade de vida, planejamento familiar etc. É a maneira de precaução mais duradoura, entretanto, é a mais adequada política de precaução à criminalidade. A segunda é a do modelo de política obstaculizadora ao delituoso, melhor dizendo, incide em colocar ou aplicar mais trabalhadores, peritos e logísticos no domínio de segurança. O que significaria, aumento de efetivo policial, mais equipamentos e munições, mais veículos e mais presídios etc. O terceiro e último modelo objetiva impedir a reincidência do delituoso. Este modelo de política similarmente não se interessa com os motivos da criminalidade e tem por finalidade evitar a não repetição delitiva. Salientando que, essa política criminal não deve ser a primeira conveniente para a sociedade,



uma vez que, é de modo tardio e apenas age depois do crime ter ocorrido. É exclusivamente de modo repressivo.

Existem duas maneiras, ou seja, vias de políticas criminais para o enfrentamento e monitoramento da violência e da criminalidade: o modo repressivo (*post factum*), no momento em que o banditismo já está estabelecido e precisa ser extinto e o modo preventivo (*ante factum*), antes que o crime aconteça (GOMES; CERVINI, 1997, apud XAVIER, 2008).

Relativamente aos entrevistados, perguntados sobre o que acham que devem ser feitos para diminuir a criminalidade:

Segundo **Bairro de Ajuda estudante de Letras**, bom é claro que para que um país consegue afirmar como um país, é necessário que tenha um Estado estruturalmente forte, eu acho, é o que nos falte. A Guiné-Bissau precisa ser um Estado forte, imagina um estado que nem se quer consegue garantir apenas segurança ao seu povo é complicado. A justiça não funciona, muitos dizem que não existe praticamente. O Estado precisa criar mecanismos estruturais capazes de assegurar a população que passa necessariamente para criação de uma política educacional e garantia da segurança.

Para **Bandim estudante de Engenharia de Energia**, acho que na Guiné é preciso fazer muita coisa, começando pelos nossos governantes, que haja mais estabilidade, que haja mais entendimento entre eles, que haja diálogo e que parem com essa coisa de termos um governo hoje, amanhã outro, porque não vai nos ajudar em nada. [...]. Espero que haja um governo estável na Guiné-Bissau que possam dar mais atenção aos nossos jovens e não só, também pelas pessoas que fazem serviços nas ruas, os policiais, que eles têm condições, às vezes não é que não querem trabalhar, mas sim por falta dos meios necessários para puderem investigar, realizar patrulhamento nas ruas afim de garantir mais segurança. Enquanto que a ver de

**Cuntum Madina, estudante de Administração Pública**, mais segurança, formação dos jovens, investimento fortemente na educação e construção das escolas em todas as partes, não só em Bissau, mas em todas as regiões do País.

No que diz respeito aos interlocutores:

**Praça, coordenadora de departamento de saúde sexual reprodutiva de Parlamento Nacional infantil**, no meu entender, eu acho que o Estado guineense deve ter uma política específica para os jovens, criar emprego jovens, construção de prisão de alta segurança para as pessoas que cometem coisas ilícitas sejam presos, mas, é necessário também que essas pessoas sejam recuperadas através de formações técnicas dentro do presídio, ao sair que tenham já uma profissão.

**Missira, estudante de engenharia de energias**, tem que haver meios para policias, carros para puderem realizar patrulhamentos e criar condições nos bairros, colocando a iluminação pública por toda parte.

**Quelele estudante de Humanidades**, para conter o que é necessária para mim é a segurança, um país sem segurança, é um país tipo quarto sem porta alguém chega e entra, é preciso reformular ou equipar a segurança do Estado, a polícia, forças armadas, policia judiciário e tudo mais, criar condição para que possam trabalhar direito[...]. É preciso também controlo das armas, tem muita arma nas mãos dos civis então é imperativo controlar essas armas.

**Pefine, estudante de Humanidades**, a população tem que denunciar, aumentar também o número do pessoal da segurança para tentar minimizar.

**Antula estudante de ciências biológicas**, bom eu aconselharia os jovens a se esforçarem mais, a irem para a escola, [...].

Continuando com os mecanismos a se tomar para a prevenção da criminalidade, segundo interlocutores:

**Luanda, estudante de Humanidades**, no meu entender é preciso elaborar uma política de desenvolvimento sustentável que vai englobar a juventude, essas práticas é feita mais pela camada juvenil porém o Estado tem papel de criar centro de formação profissional e as universidades para jovens, onde os mesmos vão puderem ser formados para servirem o país e a sociedade e garantir o emprego. Precisa também do envolvimento das mídias para desencorajar o fenômeno que passa pela sensibilização.

**Mindara, estudante de Humanidades**, primeiro, o Estado que é o superior tem que criar política com o intuito de sensibilizar os jovens e também organizações não governamentais devem estar engajadas no combate. Em Mindara tem um grupo que já começou a estancar, já fazem assim óh, se uma pessoa roubar no bairro ou em qualquer bairro e entrar no bairro de Mindara, aí pegam essa pessoa e fazem justiça com as próprias mãos, apesar que não é bom, mas é também uma forma de mostrar que os jovens do bairro, que eram chamados piores ou que faziam mais estas coisas, já começaram a mudar.

**Belém, estudante de Humanidades**, acho que autoridade tem que fazer o seu trabalho, que passa pelo aumento da segurança.

**Tchada, estudante de Humanidades**, por parte do governo, que haja em primeiro lugar as quadras em todos os bairros de Bissau no sentido de poder controlar e que haja também as sensibilizações dos jovens sobre o perigo da própria prática.

Como foi apontado no início, falar-me-ei de mecanismos utilizado na Holanda para contenção da criminalidade. Na Holanda nos meados dos anos 60, devido a ampliação da riqueza e com processos de modernização e urbanização, observa-se um aumento das taxas de delitos contra a propriedade, porém o governo holandês apresenta uma política de controle da criminalidade com três finalidades pragmáticas: contenção da criminalidade por meio de programas ambientais; endurecimento da vigilância em lugares de grande perigo; e excelente integração dos jovens por meio da escola e de um programa de integração ao mercado de emprego. Foram designados 30 milhões de dólares para o programa, sendo 10% designados à sua apreciação. O pilar cognitivo desta política era a “prevenção situacional do crime” (CLARKE, 1997 *apud* BEATO FILHO, 1999).

Para Beato Filho (1999) a ideia não é consertar pessoas, o que é profundamente difícil, mas sim complicar as circunstâncias de ocorrência de delitos. Isto é realizado através de admissão de inativos ou desempregado para trabalharem como guardas civis uniformizados, contudo sem domínio policial. Além do mais, há uma Plataforma Nacional de Controle do Crime que avalia rumos da criminalidade a cada ano e determina preferências e táticas de atuação para cada tipo de delito. Relativamente ao roubo à mão armada, alcançou uma diminuição considerável, tornando os alvos deste tipo de ato mais complexos. Os mercadores foram aconselhados a evitar colocar grande quantidade do dinheiro na caixa, a usar alarmes e outros entraves por outra palavra obstáculos à ação delituosa, isto é instalar câmaras de vídeo, na Holanda.

Ainda segundo Beato Filho, (1999, p.24), as sugestões de contenção da criminalidade passam indispensavelmente tanto por mudanças sociais de profundidade assim como mudanças particulares direcionadas a “reeducar e ressocializar” delituosos para a convivência na sociedade. “A par das políticas convencionais de geração de empregos e combate à fome e à miséria, ações de cunho assistencialista” pretendiam diminuir os resultados mais rápidos ou imediatos da carência, além de estimular em jovens candidatos possíveis ao crime, novos princípios por meio de educação, “da prática de esportes, do ensino profissionalizante e do aprendizado de artes” e no convívio pacífico e agradável com seus próximos. No momento em que estas coisas já não são mais plausíveis, que se consertem então aquelas pessoas que tombaram no universo da criminalidade por meio de trabalho e da reeducação nos presídios. No entanto, de acordo com o autor, políticas de segurança pública destacam a imprescindibilidade de uma ação mais categórica do Poder Judiciário e das instâncias de gestão ou controle social. “Isto significa legislações mais duras e maior policiamento ostensivo, de forma tal que as punições dos delitos sejam rápidas, certas e severas” (BEATO FILHO, 1999, p.24).

Existe atualmente uma consideração compartilhada de que as profundas mudanças nas formas e intensidade dos perigos à segurança das sociedades atuais demandam uma inovação e reforçada capacidade de resposta institucional e a promoção de uma diversa ou diferente cultura de segurança. Uma nova capacidade institucional implica, do jeito que é concordantemente admitido, “a atualização dos sistemas de segurança interna, conferindo-lhe modernidade, adaptabilidade e funcionalidade diante dos desafios contemporâneos e vindouros” (LOURENÇO, 2010, p.2).

Cooperar para a promoção de uma diversa, por outra palavra, diferente cultura de segurança demanda que os modelos abraçados de segurança pública estejam providos de tangibilidade para os agentes institucionais e individuais que o compõem e dos quais compete a tarefa de garantir e manter a segurança pública, nos parâmetros essenciais a uma vida democrática. Porém demanda, concomitantemente, que em todas as manifestações da vivência comunitária, a segurança se manifeste e seja respeitada como um bem comum valioso, que todos precisam ser convidados a colaborar (LOURENÇO, 2010). Neste enquadramento, duas indicações são fundamentais: “o assegurar o reconhecimento por parte dos cidadãos da legitimidade da ação policial e alcançar um elevado nível de confiança dos indivíduos e das comunidades nas polícias”. Como modelos desta nova governança da segurança é importante mencionar: “a polícia comunitária e modelos de policiamento de proximidade enquanto

instrumentos facilitadores de um melhor conhecimento recíproco forças e serviços de segurança / população” (OLIVEIRA, 2006 *apud* LOURENÇO, 2010, p.2).

Partindo do pressuposto de que para o combate da criminalidade é preciso o envolvimento do agente do Estado e da população, ou seja, de todos, Robert; Bucquerox, (*apud* XAVIER 2008, pp.68-69), propõem o Policiamento comunitário que, segundo eles, “é uma filosofia e uma estratégia organizacional que proporciona uma nova parceria entre a população e a polícia”. Esteia-se na proposição do qual tanto a polícia quanto a sociedade têm de trabalhar em conjunto para descobrir, eleger, e solucionar enigmas ou problemas atuais nomeadamente crime, drogas, medo do crime, desordens físicas e morais, e de modo geral o declínio do bairro, com a finalidade de aprimorar a qualidade coletiva da vida na região. O policiamento comunitário demanda um engajamento de cada elemento dos policiais e funcionários civis da divisão policial com a ideologia do policiamento comunitário. O mesmo instiga todo mundo a encontrar formas de propagar esta nova ideologia nos seus afazeres, equilibrando assim a inevitabilidade, ou seja, necessidade de manter uma resposta direta e concreta aos feitos criminosos particulares e às emergências, com o intuito de descobrir novas iniciativas preventivas, desejando a resolução de problemas antes que os mesmos aconteçam ou se tornem complexos. O policiamento comunitário consiste inclusive no assentamento ou estabelecimento dos policiais como “mini-chefes de polícia descentralizados em patrulhas constantes, onde eles gozam da autonomia e da liberdade de trabalhar como solucionadores locais dos problemas da comunidade, trabalhando em contato permanente com a comunidade” fazendo para que a mesma seja melhor lugar para morar e trabalhar.

Para Farias (2005, p.181) A violência surge da falta de esperança ou de perspectiva de vida melhor. O desemprego, a falta de habitação e de espaço de lazer, suscitam vazio no coração, e de certa forma possibilita a instauração da violência. O assaltante pode ser estimulado por não acreditar mais nos dias melhores. Existe, realmente, similitude entre a Ordem Urbanística e a criminalidade. Dessa maneira, a luta contra a violência pode ser realizada por intermédio de políticas públicas garantidoras da dignidade da pessoa humana, nos termos da diretriz constitucional de garantia das funções urbanísticas. “Protejam-se as funções urbanísticas de uma comunidade urbana para que sejam protegidos os seus habitantes”!

Falando sobre a segurança pública, Espinheira, (2008, p.262) afirma que, deve estar unida à educação pública ou coletiva de uma nação e, só forte ação do Estado de primazia o colocará como um modelo do bem coletivo a ser assumido por cada indivíduo particularmente. A educação coletiva passa pelo reconhecimento da liberdade particular, “mas com a disposição

para a defesa de valores universais. É este o caminho para uma nova sociedade, para um tempo de paz, sabendo-se que a paz só é possível com a justiça social”.

Em suma, eis as principais considerações no que diz respeito ao combate da criminalidade em Bissau: estruturação do Estado; criação duma política educacional e de segurança; entendimento entre os governantes; mais atenção para os jovens: criar condições necessárias para os policiais para poderem realizar investigação e patrulhamento; criação do emprego; construção de prisão; urbanização dos bairros; mais iluminação pública; controle das armas e construção das esquadras (delegacias) em todos os bairros e funcionamento da justiça. No entanto as considerações dos estudantes, o exemplo de Holanda e os modelos apresentados de políticas públicas de contenção da criminalidade são mais que benéficas para um país como o nosso que carece de boas ações, ou seja, de políticas públicas para a sua camada juvenil. Porém antes de tudo isso é imperativo a estabilização do país para que tudo isso possa acontecer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criminalidade é um problema social séria que tem suas consequências nefastas, portanto merece uma atenção especial para que possamos viver numa sociedade com uma certa liberdade, liberdade de ir onde quisermos e voltar quando pretendemos sem medo. Com intuito de perceber quais as suas motivações nos remetemos uma análise profunda tanto do aspecto estrutural, transnacional, assim como individual. Em relação ao aspecto estrutural, percebe-se que a Guiné-Bissau desde a sua emancipação como Estado não conseguiu se estabilizar devido as várias razões entre os quais: assassinatos de várias personalidades políticas/ militares, golpes de Estado, espancamento dos políticos, derrubes dos governos, perseguições políticas e incentivos de ascendência ideológica. Vale relevar que, desde a sua emancipação como Estado nenhum governo chegou fim do seu mandato. Toda essa crise tem influenciado numa forma negativa a sua população. Em 2010 o nível de pobreza atingiu um patamar muito elevado com 69.3% da população vivendo na pobreza, as pessoas vivem com menos de 2 dólares por dia e neste caso são os jovens os mais prejudicados, cerca de 600 mil jovens desempregado.

O país carece de infraestrutura básica em todo o sentido, não há eletricidade, investimento estrangeiro quase nulo e em termos de políticas públicas de geração de emprego para a camada juvenil é praticamente inexistente. Dada a dificuldade que o país atravessa, percebe-se claramente a inexistência dos espaços para os jovens na sociedade Bissau-guineense, uns levantando desde manhã sem nada para fazer. Ainda por cima estão inseridos numa sociedade com influência da mídia tanto nacional assim como internacional que lhes educam a consumir passando a imagem da felicidade a moda ocidental e mais, seus reconhecimentos depende do que consomem, sendo assim, há pessoas que não conseguem de forma licita ganhar o dinheiro para satisfazerem essas exigências impostas pela mesma (sociedade). Salientando que os espaços a que se refere são espaços de fala, de lazer, biblioteca, criação de escolas técnicas, universidades para que os mesmos (jovens), possam ocupar.

Todos esses fatores elencados de certo modo influenciam, provocando assim o surgimento de más práticas, muitos jovens dada a condição de não ter e doutro lado, pelas as escolhas próprias acabam optando pela violência neste caso assalto à mão armada e roubo que interessa esse trabalho.

Os assaltos à mão armada e roubo perpetrados por grupos de jovens de diferentes bairros que compõe o capital Bissau com a finalidade de sustentarem seus vícios (fumar, beber, manter seus sustentos, compras de roupas caras ou de moda, arranjar pertences para as namoradas etc.)

têm provocado nos cidadãos de Bissau sensações de medo e insegurança. Em Bissau não se pode andar com os pertences (fios de ouro, celular, bolsas etc.), para não ser roubado ou assaltado. A partir de 2008, a criminalidade tem aumentado exemplo disso, são surgimento de vários grupos criados por jovens que praticam essas ações, assaltando bancos, tabernas (espécie mercadinho), casas e nas ruas. É importante relevar que os assaltos e roubos não são feitos só por grupos, mas sim há de caráter individual.

Outros aspectos importantes que merecem destaques são: à falta de meios para a manutenção da segurança e a inoperância do poder judiciário, as pessoas fazem a justiça com as próprias mãos, por exemplo as pessoas preferem bater num ladrão invés de levar para a esquadra de polícia (delegacia), há um certo descrédito no sistema judiciaria, porque acreditam que mesmo indo queixar o infrator for preso, dois três dias você vai lhe encontrar na rua de novo. Percebe-se também que em Bissau raramente as pessoas fazem denúncias de roubo e assalto.

Partindo de tudo que foi abordado neste trabalho, entende-se que no que tange a criminalidade na Guiné- Bissau com foco em Bissau, ainda há muita coisa para fazer, que passa, no entanto, pela criação de políticas públicas garantidoras de dignidade humana, pela urbanização da cidade, mais iluminação pública, controle das armas, construções das esquadras (delegacias), elaboração duma política educacional e de segurança, mais atenção para os jovens, criação do emprego, funcionamento da justiça, patrulhamento permanente e construção de prisão. É imprescindível o envolvimento tanto do Estado assim como da sociedade civil na prevenção do crime. Para que tudo isto aconteçam é necessário a estabilização do país.

Tomando em consideração os objetivos tanto geral que é descrever e analisar as percepções de estudantes guineense sobre a criminalidade, assim como específicos: entender o porquê do assalto à mão armada e roubo; procurar as motivações dos jovens a aderirem a esta pratica; apurar o papel do Estado e da sociedade civil através dos movimentos juvenis, suas ações perante os fenômenos e analisar as políticas públicas como alternativas para a contenção da criminalidade, com os esforços enormes e dedicação conseguimos na medida do possível atingir os nossos objetivos. O presente trabalho tem uma importância imprescindível tanto social assim como acadêmica. Em termo social porque vai possibilitar uma compreensão sobre os fenômenos em estudos e de que maneira estes fenômenos possam ser diminuídos e academicamente, porque vai de certa maneira servir como base teórica, por outras palavras como uma referencial teórica para quem se interessar posteriormente em temática uma vez que o país carece de obras literárias que falam sobre estes problemas (assalto à mão armada e roubo). Por outro lado, possibilitou que os jovens falassem porque as inquietações e vozes dos jovens

precisam ser ouvidas. Não foi fácil a realização deste trabalho, contudo espera-se poder contribuir!



## REFERENCIAS

ANGONOTICIAS. **Nino Vieira - Conquistou o poder pela força e pela força foi derrubado.** Disponível em: <<http://www.angonoticias.com/Artigos/item/21488>>. Acesso: 23 abr 2017.

AGENCIA de Notícias da Guiné. Biografia Malam Bacai Sanhá. Disponível em: <<http://angnoticias.blogspot.com.br/2012/01/biografia-malam-bacai-sanha.html>>. Acesso: 26 abr 2017.

BARATA, Suzana de Almeida. Violência Urbana. FEUC, dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008027.pdf>>. Acesso: 05 maio 2016.

BEATO FILHO, Cláudio C. Política pública de segurança e a questão Policial. São Paulo, **Perspec.** v. 13, n. 4, outubro/dezembro 1999.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade; por uma teoria geral da política.** Tradução Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BONFIM, Helder; KRANH, Natasha. Violência e Contemporaneidade. In: ESPINHEIRA, Gey. **Sociedade do Medo - Teoria e método de análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência.** Salvador: EDUFBA. 2008. p.153-163.

CESAR, Marcos; ALBERTO, Carlos. O Sonho e a Realidade: sociedade e violência. In: ESPINHEIRA, Gey. **Sociedade do Medo - Teoria e método de análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência.** Salvador: EDUFBA. 2008. P.101-116.

DOCUMENTO de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza- DENARP I, 2005.

\_\_\_\_\_. DENARP II, 2011.

CARVALHO, Celisa Dos Santos Pires de. **GUINÉ-BISSAU: a instabilidade como regra.** Dissertação de mestrado. 168p. Lisboa. ULHT,2014.

DEUTSCHE WELLE: **Guiné-Bissau: Sem emprego e políticas públicas para os jovens.** Disponível em: <<http://m.dw.com/pt-002/guin%C3%A9-bissau-sem-emprego-e-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-para-os-jovens/a-39407980>>. Acesso: 27 jun 2017.

DIÁRIO de Notícias: policia Judiciaria da Guiné-Bissau detém 13 suspeitos de assaltos à mão armada. Disponível em: <<http://www.dnoticias.pt/hemeroteca/433701-policia-judiciaria-da-guine-bissau-detem-13-suspeitos-de-assaltos-a-mao-arm-FNDN433701>>. Acesso 15 jul 2016.

DJAU, Malam. **TRINTA ANOS DE GOLPES DE ESTADO NA GUINÉ-BISSAU: Uma análise de elite militar.** Dissertação (Mestrado em Ciência Política) 58p. Curitiba. UFPR, 2016.

ESPINHEIRA, Gey. Disseminação do medo. In: \_\_\_\_\_. **Sociedade do Medo. Teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência.** Salvador: EDUFBA. 2008. P.29-50.

ESPINHEIRA, Gey. Epílogo- A outra volta no parafuso: porque os projetos sociais não são praticados. Os limites da ação social. In: \_\_\_\_\_. **Sociedade do Medo. Teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador.** Salvador: EDUFBA. 2008. P.237-264.

FACHINETTO, Rochele Fellini. Juventude e violência: onde fica o jovem numa sociedade “sem lugares?”. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A violência na sociedade contemporânea.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FARIAS, Paulo José Leite. **Ordem urbanística e a prevenção da Criminalidade.** Revista de Informação Legislativa, Brasília a. 42n. 168 outubro/dezembro 2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/182/R168-12.pdf?sequence=4>>. Acesso: 04 maio 2017.

FERREIRA, Ana Clara de Freitas. et al. **Estratégias para Consolidação da Democracia na Libéria e Guiné-Bissau.** 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P.65-88.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MAPA de Guiné-Bissau e Bissau. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+guin%C3%A9+bissau&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiPgauwXQAhVFipAKHT4NCp\\_gQ\\_AUIBygC#imgc=lahlgAXDMcfFLM%3A](https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+guin%C3%A9+bissau&espv=2&biw=1366&bih=662&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiPgauwXQAhVFipAKHT4NCp_gQ_AUIBygC#imgc=lahlgAXDMcfFLM%3A). Acesso 11 nov. 2016.

GUINÉ-BISSAU. Constituição (1996). **Constituição da República da Guiné-Bissau.** Assembleia Nacional Popular. 1996, 36p.

HABERMAS, Jurgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade, Volume II/ Jurgen Habermas;** Tempo Brasileiro, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARANJEIRO, Catarina. **Amílcar Cabral: o que foi e o que dele faremos.** Disponível em: [http://alice.ces.uc.pt/en/wp-content/uploads/2014/03/Mestres\\_do\\_Mundo\\_Amilcar\\_Cabral2.pdf](http://alice.ces.uc.pt/en/wp-content/uploads/2014/03/Mestres_do_Mundo_Amilcar_Cabral2.pdf). Acesso 01 abr 2017.

LOURENÇO, Nelson. **Cidades e Sentimento de insegurança: Violência urbana ou insegurança urbana?** Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.fd.unl.pt/Anexos/3841.pdf>. Acesso: 03 maio 2017.

LIGA GUINEENSE DE DIREITOS HUMANOS. Relatório sobre a Situação dos Direitos Humanos na Guiné-Bissau. Bissau, 2008/2009.

MALOA, Joaquim Miranda. **O lugar da desordem: Um estudo sociológico sobre o assalto à mão armada em Moçambique, na cidade de Lichinga.** Dissertação (Mestrado) programa de Pós-Graduação em sociologia. 163p. USP,2012.

MELO, K. Violência, contemporaneidade e infração juvenil. In: **TOXICOMANIAS: incidências clínicas e socioantropológicas.** Salvador: EDUFBA; CETAD, 2009, p. 123-138.

NINO Vieira. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$nino-vieira](https://www.infopedia.pt/$nino-vieira)>. Acesso em: 20 mar 2017.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Estado, Sociedade Civil e Legitimidade Democrática. **Revista Lua Nova**, n. 36, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n36/a06n36/a06n36.pdf>>. Acesso: 24 maio 2017.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O conceito de sociedade civil.** Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6617/6617\\_5.pdf](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6617/6617_5.pdf)>. Acesso: 27 maio 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ROQUE, Silva; CARDOSO, Katia. **Por que razões os jovens se mobilizam... ou não? Jovens e violência em Bissau e na Praia.** Codesria, Yaoundé, Cameroun, p.1-31.

SANHÁ, Ismael Sadilú. **A Cooperação com a Guiné-Bissau: os projetos de apoio à reforma do setor de Segurança (RSS).** 82 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)- Lisboa. ULL, 2012.

Sapo Notícias: **Cadogo, o empresário que se dedicou à política para reabilitar a imagem do país.** Disponível em: <<http://noticias.sapo.mz/lusa/artigo/13891349.html>>. Acesso: 30 abr 2017.

Sapo Notícias: **Vida e Obra de Amílcar Cabral**. Disponível em: <<http://noticias.sapo.cv/info/artigo/1005005.html>>. Acesso 17 mar 2017.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte: Nadyala, 2010. 144p.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P.31-42.

SOUSA, Julião Soares. **Guiné-Bissau: a destruição de um país : Desafios e reflexões para uma nova estratégia nacional**. Coimbra, 2012. 183 p.

O DEMOCRATA. Crise política: policia de Ordem pública confirma o aumento do assalto à mão armada no País. Disponível em: <<http://www.odemocratagb.com/crise-politica-policia-da-ordem-publica-confirma-aumento-de-assaltos-a-mao-armada-no-pais/>>. Acesso 13 jul 2016.

\_\_\_\_\_. Fecho de fronteira Senegal/ Gambia na origem de escassez de açúcar no mercado nacional. Disponível em: <<http://www.odemocratagb.com/fechodefrenteirasenegalgambianaorigemdeescassezdeacucarnomercadonacional/>>. Acesso 13 jul 2016.

\_\_\_\_\_. Grupo desconhecido armado assalta banco comercial em Bissau. Disponível em: <<http://www.odemocratagb.com/grupodesconhecidoarmadoassaltabancocomercialembissau/>> Acesso 28/04/2016.

WIEVIORRKA, Michel. O novo paradigma da violência. **Tempo Social**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 5-41, maio de 1997.

XAVIER, Antonio Roberto. Políticas públicas de segurança. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Ano 2, v. 4, agosto 2008.